

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas
Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino
Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires
Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente*

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS Nº 9

1º SEMESTRE DE 2004

Ficções
ficcoes@ficcoes.net
www.ficcoes.net

Direcção
Luísa Costa Gomes

Produção
José Lima

Capa e orientação gráfica
Jorge Silva

Impressão
Manuel A. Pacheco, Lda - Lisboa

Distribuição
Sodilivros

Tiragem
1 800 exemplares

Depósito Legal
182179/02
ISSN: 0874-9434

Edição
Tinta Permanente
tintapermanente@mail.pt

Administração
Empresa de Palavras
Av. Igreja, 9 – 3º Esq.
1700-230 Lisboa
Tel. 296 628 135

© *Ficções* 2004

Índice

- 5 Prosper Mérimée *O quarto azul*
- 27 Leopold von Sacher-Masoch *O caminheiro*
- 49 Júlio Dantas *Os serenins de Queluz*
- 57 Castro Soromenho *A morte da “chota”*
- 67 Cesare Pavese *O blusão de couro*
- 83 Hannes Pétursson *O homem da tenda*
- 89 Fernando Sorrentino *Existe um homem que tem
o costume de me dar com um
guarda-chuva na cabeça*
- 95 Robert Coover *Começos*
- 115 Óscar de Sá *Deleituras*
- 127 Artur Manuel Pires *Na Europa tropical*

Prosper Mérimée

O quarto azul

Tradução de Ana Cardoso Pires

Prosper Mérimée (1803-1870) nasceu em Paris, filho único de uma família artística e letrada. O pai, Léonor Mérimée era pintor e professor de Desenho em Belas-Artes. Mérimée estudou Direito, frequentando desde cedo os meios literários, onde conheceu Stendhal, Victor Hugo e Musset entre outros. Aos vinte e três anos trava um duelo com o marido da amante e é ferido. Torna-se brevemente amante de George Sand, depois conhece Valentine Delessert, com quem manterá uma longa relação. Viaja pela Europa, conhece Inglaterra e Espanha – onde se torna amigo dos Condes de Montijo, pais da futura Imperatriz Eugénia, mulher de Napoleão III. É nomeado Inspector Geral dos Monumentos Históricos. Faz uma viagem a Itália com Stendhal, vinte anos mais velho do que ele, depois conhece a Grécia e a Turquia, sempre interessado por História e Arqueologia. Começa a carreira literária pela mistificação, escrevendo o *Teatro de Clara Gazul* e atribuindo as peças a uma pretensa atriz. Escreve o romance histórico *Crónica do Tempo de Carlos IX* e uma série de novelas, *Matteo Falcone*, *La Vénus d'Ille* (1837), *Colomba* (1840) e *Carmen* (1845) – publicada na *Revue des Deux Mondes*, e ponto de partida para a conhecida ópera de Bizet. Em Setembro de 1866, Merimée acompanha mais uma vez a Imperatriz a Biarritz. Os serões são aborrecidos. Fazem-se jogos a mote: “situações difíceis em que às vezes nos encontramos”. “De noite, porque tinha um bebido um chá muito forte, escrevi umas quinze páginas sobre uma situação dessas”(…) O conto foi publicado em 1871 no *L'Independence Belge* e em livro nas *Dernières Nouvelles* (1873).

Conto dedicado a Madame de la Rhune¹

Biarritz, Setembro de 1866

Um jovem passeava com ar agitado no átrio de uma estação de comboios. Tinha óculos azuis e, embora não estivesse constipado, levava incessantemente um lenço de assoar ao nariz. Na mão esquerda, segurava um pequeno saco preto, que continha, como vim a saber mais tarde, um roupão de seda e umas calças largas. De vez em quando, ia até à porta de entrada, olhava para a rua, depois puxava do relógio e confirmava com o da estação. O comboio só partia daí a uma hora, mas há pessoas que receiam sempre chegar atrasadas. Este comboio não era dos que servem gente com pressa: as carruagens de primeira classe eram poucas. A hora não permitia aos cambistas saírem assim que terminavam os negócios, para jantarem nas suas casas de campo. Quando os viajantes começaram a chegar, um parisiense reconheceria, pelo aspecto, agricultores ou pequenos comerciantes dos arredores. Mas, sempre que entrava uma mulher na estação e sempre que um carro parava

à porta, o coração do jovem de óculos azuis inchava como um balão, os joelhos tremiam-lhe, o saco quase lhe caía da mão e os óculos do nariz, onde, diga-se de passagem, estavam completamente tortos.

Ficou bastante pior quando, após uma longa espera, apareceu, vinda de uma porta lateral, precisamente do único ponto que não fora objecto de observação permanente, uma mulher vestida de negro, com um espesso véu sobre a cara; trazia um saco de marroquim castanho, que continha, como descobri posteriormente, uma magnífica camisa de noite e chinelinhos de cetim azul. Caminharam um para o outro, olhando para ambos os lados, nunca a direito. Aproximaram-se, tocaram-se as mãos e ficaram uns minutos sem dizer palavra, palpitando, ofegantes, sujeitos a uma daquelas emoções pungentes pelas quais eu, pelo meu lado, daria cem anos da vida de um filósofo.

Quando encontraram forças para falar:

– Léon – disse a rapariga (esqueci-me de dizer que era jovem e bonita) –, Léon, que felicidade! Nunca o teria reconhecido com essas lentes azuis.

– Que felicidade! – disse Léon. – Nunca a teria reconhecido com esse véu negro!

– Que felicidade! – retomou ela. – Vamos depressa para os nossos lugares. Se o comboio partisse sem nós...! (E apertou-lhe o braço com força.) Ninguém desconfia de nada. Neste momento, estou com Clara e o marido, a caminho da casa de campo deles, onde *amanhã*, me despedirei dela... E – acrescentou, rindo e baixando a cabeça – há uma hora que ela partiu; e amanhã... depois de ter passado a *última noite* com ela... (voltou a apertar-lhe o braço) amanhã de manhã... ela vai deixar-me à

estação, onde me encontrarei com Ursule, que mandei à frente, para casa da minha tia... Oh, previ tudo!... Vamos buscar os bilhetes... É impossível que suspeitem de nós!... Ah, se nos perguntarem o nome no albergue? Já me esqueci...

– Sr. e Sra. Duru.

– Oh, não! Duru, não. Havia um sapateiro na pensão que tinha esse nome.

– Então, Dumont?...

– Daumont².

– Bem pensado; mas não nos vão perguntar nada.

A sineta tocou³, a porta da sala de espera abriu-se e a jovem, sempre cuidadosamente protegida pelo véu, entrou numa carruagem de primeira classe com o seu companheiro. A sineta soou segunda vez; fechou-se a porta do compartimento.

– Estamos sós! – exultaram.

Mas, quase de seguida, um homem dos seus 50 anos, todo vestido de negro, com ar grave e indisposto, entrou na carruagem e instalou-se num canto. A locomotiva apitou e o comboio pôs-se em marcha.

Os dois jovens, retirados para o mais longe que lhes era possível do incómodo vizinho, começaram a falar baixo e em inglês, para maior precaução.

– Caro senhor – disse o outro viajante, na mesma língua e com um sotaque britânico bastante mais puro –, se tendes segredos a contar um ao outro, será melhor não o fazeres em inglês à minha frente. Sou inglês. Lamento imenso incomodar-vos, mas, no compartimento ao lado, estava um homem sozinho e tenho por princípio nunca viajar com um homem sozinho. Aquele tem aspecto de Jud⁴. E isto poderia tentá-lo – apontou

para o saco de viagem, que tinha atirado para cima de um coxim, à sua frente. – De resto, se não conseguir dormir, vou ler.

De facto, tentou sinceramente dormir. Abriu o saco, tirou de lá um boné confortável, pô-lo na cabeça e manteve os olhos fechados por alguns minutos. Reabriu-os com um gesto de impaciência, procurou os óculos dentro do saco e, seguidamente, um livro grego; finalmente, embrenhou-se na leitura. Para chegar ao livro, teve de afastar um grande número de objectos amontoados ao acaso. Entre outros, tirou das profundezas do saco um maço bastante volumoso de notas do Banco de Inglaterra, pô-lo no assento à sua frente e, antes de o voltar a meter no saco, mostrou-o ao jovem, perguntando-lhe se seria possível trocar *banknotes* em N***.

– É provável. Fica na estrada para Inglaterra.

N*** era o lugar para onde se dirigiam os dois jovens. Há lá um pequeno hotel bastante asseado, que só costuma ter hóspedes aos sábados à noite. Consta que os quartos são bons. O dono e as pessoas não são curiosos, não estando suficientemente afastados de Paris para terem esse vício provinciano. O jovem, a que já me referi como Léon, tinha feito o reconhecimento daquele hotel algum tempo antes, sem óculos azuis; e, com base no relatório que então fez, a sua amada tinha manifestado o desejo de o visitar. Aliás, ela estava num tal estado de espírito, nesse dia, que os muros de uma prisão lhe teriam parecido cheios de encanto, desde que aí fosse enclausurada com Léon.

Entretanto, o comboio continuava a rolar; o inglês lia o seu grego sem voltar a cabeça para os companheiros,

que falavam tão baixo que só amantes poderiam assim ouvir-se. Talvez não surpreenda os meus leitores ao dizer que se tratava de amantes em toda a acepção do termo; e o que isso tinha de deplorável era não serem casados, mas havia razões que se opunham a que o fossem.

Chegaram a N***. O inglês foi o primeiro a descer. Enquanto Léon ajudava a sua amada a sair da diligência⁵ sem mostrar as pernas, um homem atirou-se para a plataforma⁶, vindo do compartimento vizinho. Estava pálido, mesmo amarelo, com olhos encovados e injectados de sangue, de barba mal feita, sinal por que se reconhecem frequentemente os grandes criminosos. O fato estava limpo, mas coçado até ao fio. A sobrecasaca, outrora preta, agora cinzenta nas costas e nos cotovelos, estava abotoada até ao queixo, provavelmente para esconder um colete ainda mais gasto. Avançou para o inglês e, num tom muito humilde:

– *Uncle!*... – disse.

– *Leave me alone, you wretch!*⁷ – gritou o inglês, com os olhos cinzentos iluminados por um lampejo de cólera; e fez menção de sair da estação.

– *Don't drive me to despair!*⁸ – retorquiu o primeiro, com uma entoação simultaneamente lastimosa e quase ameaçadora.

– Queira ter a amabilidade de guardar o meu saco por um instante – disse o velho inglês, atirando o saco de viagem para os pés de Léon.

Feito isto, pegou no braço do homem que se tinha abeirado dele, levou-o, ou melhor, puxou-o para um canto, onde contava que não ouvissem o que dizia, e aí falou por momentos, num tom, ao que parecia, muito áspero. Em seguida, tirou do bolso uns papéis,

amarfanhou-os e meteu-os na mão do homem que lhe tinha chamado tio. Este agarrou neles sem agradecer e, quase instantaneamente, afastou-se e desapareceu.

Há apenas um hotel em N***. Não é, pois, de estranhar que, passados alguns minutos, todas as personagens desta história verídica ali se encontrem. Em França, qualquer viajante que tem a felicidade de se fazer acompanhar de uma mulher com boa apresentação tem a garantia de obter o melhor quarto em todos os hotéis, sendo reconhecido que somos a nação mais cortês da Europa.

Apesar de o quarto que deram a Léon ser o melhor, seria arriscado concluir que era excelente. Tinha uma grande cama de nogueira, com cortinados de chita da Pérsia⁹, onde estava impressa, a lilás, a trágica história de Píramo e Tisbe¹⁰. As paredes eram forradas de papel pintado, representando uma vista de Nápoles cheia de personagens; infelizmente, viajantes ociosos e indiscretos tinham acrescentado bigodes e cachimbos a todas as figuras masculinas e femininas; e inúmeras tolices, em prosa e em verso, escritas com mina de grafite, surgiam sobre o céu e o mar. Sobre este fundo, pendiam diversas gravuras: *Luís Filipe prestando juramento à Carta de 1830*¹¹; *O primeiro encontro de Julie e Saint-Preux*¹²; *A expectativa da felicidade* e *Os remorsos*, segundo M. Dubuffe¹³. Este quarto chamava-se Quarto Azul, porque os dois cadeirões, à esquerda e à direita da lareira, eram em veludo de Utrecht dessa cor; mas, há já muitos anos, estavam tapados por cobertas de percalina cinzenta com galões amarantinos.

Enquanto as criadas do hotel se afadigavam em torno da recém-chegada e a informavam dos serviços

disponíveis, Léon, que não era destituído de bom senso, apesar de estar apaixonado, foi à cozinha encomendar o jantar. Precisou de empregar toda a sua retórica e alguns meios de corrupção para conseguir um jantar a dois; mas teve um grande abalo quando soube que, na sala de jantar principal, ou seja, ao lado do seu quarto, se iam reunir os senhores oficiais do 3º batalhão de Cavalaria, que iam revezar os senhores oficiais do 8º de Caçadores estacionado em N***, nesse preciso dia, num jantar de despedida onde reinaria grande cordialidade. O estalajadeiro jurou pelo que tinha de mais sagrado que, tirando a animação natural de todos os militares franceses, os senhores oficiais de Cavalaria e de Caçadores eram conhecidos na cidade pela sua delicadeza e serenidade; e que a sua vizinhança não iria representar o mínimo inconveniente para a Senhora, sendo hábito dos senhores oficiais levantar-se da mesa antes da meia-noite.

Quando Léon regressava ao Quarto Azul, com aquela garantia que não o sossegou, apercebeu-se de que o inglês ocupava o quarto ao lado do seu. A porta estava aberta. O inglês estava sentado a uma mesa, que tinha em cima um copo e uma garrafa, e olhava para o tecto com profunda atenção, como se contasse moscas que nele se passassem.

– Que importa a vizinhança – disse Léon para consigo. – O inglês não tarda nada está bêbedo e os hussardos vão-se embora antes da meia-noite.

Ao entrar no Quarto Azul, o seu primeiro cuidado foi certificar-se de que as portas de comunicação estavam bem fechadas e que tinham ferrolho. Do lado do inglês, havia uma porta dupla e as paredes eram grossas. Do

lado dos hussardos, a parede era mais fina, mas a porta tinha chave e fecho de correr. Afinal, era uma barreira bastante mais eficaz contra a curiosidade do que os cortinados de qualquer viatura – e quantas pessoas se jogam isoladas do mundo dentro de um fiacre¹⁴!

Garantidamente, nem a imaginação mais rica consegue conceber felicidade mais completa do que a de dois jovens amantes que, após uma longa espera, se vêem sós, longe de invejosos e curiosos, podendo contar sem pressas as penas passadas e saborear as delícias de uma união perfeita. Mas o diabo arranja sempre maneira de deitar a sua gota de absinto na taça da felicidade. Johnson escreveu – ainda que não fosse o primeiro, pois tinha-o reproduzido de um grego – que nenhum homem pode dizer: “Hoje vou ser feliz¹⁵”. Esta verdade, reconhecida pelos maiores filósofos já em época remota, continua a ser ignorada por alguns mortais e, em particular, pela maior parte dos apaixonados.

Durante um jantar bastante medíocre no Quarto Azul, composto por alguns pratos desviados do banquete dos Caçadores e hussardos, Léon e a sua amada tiveram de penar bastante com a conversa que esses senhores entabulavam na sala ao lado.

Teciam-se diálogos estranhos à estratégia e à tática, que me dispenso de relatar. Era uma sucessão de histórias extravagantes, quase todas bastante apimentadas, acompanhadas de risos clamorosos, a que os nossos amantes por vezes tinham dificuldade em não se associar. A amada de Léon não era pudica, mas há coisas que não são agradáveis de ouvir, mesmo a sós com o homem que se ama. A situação estava a tornar-se cada vez mais embaraçosa e, como iam levar a sobremesa aos senhores

oficiais, Léon achou por bem descer à cozinha, para pedir ao estalajadeiro que comunicasse àqueles senhores haver uma senhora incomodada num quarto ao lado do deles e que se pedia que, por gentileza, fizessem um pouco menos de barulho.

O chefe de copa, como acontece nos jantares de grupo, estava muito atarefado e não sabia para que lado se virar. No mesmo instante em que Léon lhe transmitia a sua mensagem, um empregado pedia-lhe vinho de Champagne para os hussardos e uma criada queria vinho do Porto para o inglês.

– Disse-lhe que não tínhamos – disse ela.

– És uma tonta. Na minha casa, há todos os vinhos. Já lhe arranjo o tal Porto. Traz-me a garrafa de ratafia, uma garrafa de quinze e um garrafão de aguardente.

Depois de ter assim fabricado vinho do Porto num abrir e fechar de olhos, o estalajadeiro entrou na sala e desincumbiu-se da missão que Léon acabara de lhe confiar. Começou por provocar uma violenta tempestade. Depois, uma voz de baixo, que dominava todas as outras, perguntou que espécie de mulher era a vizinha. Fez-se uma espécie de silêncio. O estalajadeiro respondeu:

– Por amor de Deus, cavalheiros! Não sei o que lhes diga. É muito delicada e tímida. A Marie-Jeanne diz que traz aliança no dedo. É possível que se trate de uma noiva, que veio para aqui em viagem de núpcias, como acontece por vezes.

– Uma noiva! – gritaram quarenta vozes. – Tem de vir brindar connosco! Vamos beber à sua saúde e ensinar ao noivo os deveres conjugais!

Ditas estas palavras, ouviu-se um grande barulho

de esporas e os nossos amantes estremeceram, pensando que o quarto lhes ia ser tomado de assalto. Mas, de súbito, elevou-se uma voz que travou o movimento. Era evidente que se tratava de um superior. Criticou a falta de delicadeza dos oficiais e ordenou-lhes que se voltassem a sentar e que falassem com decência e sem gritar. Em seguida, acrescentou umas palavras em voz demasiado baixa, para que não fossem ouvidas no Quarto Azul. Foram escutadas com deferência, mas não sem suscitarem uma certa hilaridade contida. A partir desse momento, gerou-se um silêncio relativo na sala dos oficiais; e os nossos amantes, agradecendo aos céus o salutar primado da disciplina, começaram a falar com mais à-vontade. Mas, depois de tanta balbúrdia, era preciso tempo para recuperar as ternas emoções que a ansiedade, os contratempos da viagem e sobretudo a copiosa alegria dos vizinhos tinham fortemente perturbado. Na idade deles, porém, isso não é muito difícil e, em breve, tinham esquecido todas as confusões da sua expedição aventureira, concentrando-se apenas nos seus resultados mais importantes. Julgavam ter feito a paz com os hussardos; mas afinal era apenas uma trégua. Quando menos esperavam, quando se encontravam a mil léguas deste mundo sublunar, eis que vinte e quatro clarins, apoiados por alguns trombones, começaram a tocar uma ária bem conhecida dos soldados franceses: “A vitória é nossa!”¹⁶ Como resistir a semelhante tempestade? Os pobres amantes eram dignos de pena.

Não, a pena não foi grande, pois, quando acabaram, os oficiais saíram da casa de jantar, desfilando diante

da porta do Quarto Azul, com grande tinir de sabres e esporas, e gritando, um após outro: “Boa-noite, dona Noiva!”

Depois, o barulho cessou por completo. Não é verdade – o inglês foi ao corredor e gritou:

– Criado! Traga-me outra garrafa do mesmo Porto!

A calma fora restabelecida no hotel de N***. A noite estava amena e a lua cheia. Desde tempos imemoriais que os amantes se deleitam a olhar para o nosso satélite. Léon e a amada abriram a janela, que dava para um jardimzinho, e aspiraram com prazer o ar puro, perfumado por uma pérgula de clematites. No entanto, não se demoraram muito tempo. Um homem passeava no jardim, de cabeça baixa, braços cruzados e cigarro na boca. Léon julgou reconhecer o sobrinho do inglês que gostava de vinho do Porto.

Detesto pormenores inúteis e, aliás, não me sinto obrigado a dizer ao leitor tudo o que pode facilmente imaginar; nem contar, hora após hora, tudo o que se passou no hotel de N***. Direi, pois, que a vela que ardia na lareira apagada do Quarto Azul tinha sido consumida a mais de metade, quando, do apartamento do inglês, pouco antes silencioso, saiu um barulho estranho, como o que produz a queda de um corpo pesado. A esse som juntou-se uma espécie de estalido não menos estranho, seguido de um grito abafado e de algumas palavras indistintas, semelhantes a uma imprecação. Os dois jovens habitantes do Quarto Azul estremeceram. Talvez tivessem sido acordados em sobressalto. Esse barulho, para o qual não tinham

explicação, tinha provocado em ambos uma sensação algo sinistra.

– É o nosso inglês a sonhar – disse Léon, esforçando-se por sorrir; queria sossegar a companheira, mas estremeceu involuntariamente. Dois ou três minutos depois, abriu-se uma porta no corredor, ao que parecia com precaução; em seguida, fechou-se com muito cuidado. Ouviu-se um passo lento e inseguro que, ao que tudo indicava, procurava passar despercebido.

– Maldito albergue – desabafou Léon.

– Ah, é o Paraíso!... – respondeu a rapariga, encostando a cabeça no ombro de Léon. – Estou a morrer de sono – suspirou e adormeceu quase instantaneamente.

Um moralista ilustre disse que os homens deixam de ser conversadores quando deixam de ter pedidos a fazer. Não é, pois, de espantar que Léon não fizesse nenhuma tentativa para reatar a conversa ou dissertar sobre os barulhos do hotel de N***. Contra sua vontade, estava preocupado; e a imaginação acrescentava-lhe inúmeras circunstâncias a que, noutra estado de espírito, não teria prestado atenção. A figura sinistra do sobrinho do inglês vinha-lhe repetidamente à memória. Havia ódio no olhar que lançara ao tio, ao mesmo tempo que lhe falava com humildade, sem dúvida por lhe estar a pedir dinheiro. “Não há nada mais fácil para um homem ainda jovem e vigoroso, e para mais desesperado, do que trepar do jardim para a janela do quarto vizinho. Aliás, ele estava instalado no hotel, visto que se passeava no jardim à noite. Talvez... Muito provavelmente... indubitavelmente, sabia que o saco preto do tio continha um volumoso maço de notas... E aquele golpe surdo –

como o golpe de uma matraca num crânio calvo... Aquele grito abafado!... Aquele impropério horrível!... E aqueles passos, logo a seguir! Aquele sobrinho tinha cara de assassino... Mas não se comete um assassinio num hotel cheio de oficiais. O inglês, como homem prudente, tinha seguramente corrido o fecho, sobretudo sabendo que o farsante estava por perto... Estava desconfiado, pois não tinha querido abordá-lo com o saco de viagem na mão... Porquê dedicar-se a pensamentos horrendos quando se está tão feliz?”

Eis o que ia na mente de Léon. No meio destes pensamentos, que não irei analisar com mais detença e que se lhe apresentavam quase tão confusos como as visões de um sonho, tinha os olhos maquinalmente fixados na porta de comunicação entre o Quarto Azul e o do inglês. Em França, as portas fecham mal. Entre esta e o chão, havia um intervalo de pelo menos dois centímetros. Subitamente, por esse intervalo, apenas visível graças ao reflexo do soalho, apareceu uma coisa escura, plana, semelhante à lâmina de uma faca, visto que a orla, atingida pela luz da vela, revelava uma linha fina e muito brilhante. Movia-se lentamente na direcção de uma das chinelinhas de cetim azul, indiscretamente atirada a pouca distância daquela porta. Seria um insecto do género da centopeia?... Não, não era um insecto. Não tinha forma definida... Dois ou três sulcos castanhos penetraram no quarto, cada um dos quais com uma linha de luz a debruá-lo. Aceleraram o movimento, graças a um desnível do soalho... Avançaram rapidamente e tocaram na chinelinha. Dissiparam-se as dúvidas! Era um líquido e esse líquido, cuja cor se via agora distintamente à luz difusa da vela,

era sangue! E enquanto Léon, imóvel, olhava horrorizado para aqueles vestígios aterradores, a jovem continuava a dormir tranquilamente e a sua respiração regular aquecia o pescoço e o ombro do amante.

O cuidado que Léon tivera ao encomendar o jantar assim que chegou ao hotel de N*** é prova bastante de que tinha boa cabeça, inteligência em grau elevado e que sabia fazer previsões. Na presente ocasião, não desmentiu o carácter que se lhe tinha já descortinado. Não se moveu e projectou toda a força do seu espírito, com abnegação, no sentido de tomar uma resolução, perante a terrível desgraça que o ameaçava.

Calculo que a maior parte dos meus leitores, e sobretudo das leitoras, cheias de sentimentos heróicos, achem mal a conduta e a imobilidade de Léon, naquela circunstância. Deveria, dir-me-ão, ir imediatamente ao quarto do inglês e prender o assassino, ou pelo menos tocar a campainha do quarto e dar o alerta às pessoas do hotel. A isso começo por responder que, nos hotéis de França, as campainhas só estão lá como ornamento do quarto e que os cordões não estão associados a nenhum aparelho metálico. Acrescento respeitosamente, mas com firmeza, que, se não está certo deixar morrer um inglês ao nosso lado, não é louvável sacrificar-lhe uma mulher que dorme com a cabeça no nosso ombro. O que teria acontecido se Léon tivesse feito um alarido tal que acordasse o hotel? Os guardas, o procurador imperial e respectivo escrivão teriam comparecido imediatamente. Antes de lhe perguntarem o que tinha visto ou ouvido, esses senhores, por profissão tão curiosos, ter-lhe-iam começado por dizer: "O seu nome?

Documentos? E a senhora? O que faziam juntos no Quarto Azul? Vão ter de comparecer no tribunal criminal, para contarem que, no mês tal, a tal hora da noite, testemunharam tal facto.”

Ora, foi precisamente esta ideia do procurador imperial e dos funcionários judiciais que primeiro ocorreu no espírito de Léon. Há por vezes na vida casos de consciência difíceis de resolver. Vale mais deixar degolar um viajante desconhecido ou desonrar e perder a mulher que se ama? É desagradável ter de passar por um dilema destes. Dou por dez¹⁷ a solução ao mais hábil.

Léon fez, portanto, aquilo que provavelmente muitos teriam feito no seu lugar: não se mexeu. De olhos fitos na chinelinha azul e no sulco vermelho que nela tocava, permaneceu muito tempo como fascinado, enquanto um suor frio lhe molhava as têmporas e o coração lhe batia no peito, a rebentar. Invadia-o um tropel de pensamentos e de imagens estranhas e horríveis e uma voz interior gritava-lhe incessantemente: “Dentro de uma hora, vai saber-se tudo e a culpa é tua!” Contudo, à força de se repetir a si próprio: “O que iria eu fazer naquela galera?”¹⁸, acaba-se por entrever alguns raios de esperança. Léon disse, por fim, para consigo:

“Se sássemos deste hotel antes da descoberta do que se passou no quarto ao lado, talvez pudéssemos apagar o nosso rasto. Aqui ninguém nos conhece; só me viram de óculos azuis; a ela, só a viram de véu. Estamos a dois passos de uma estação e, numa hora, estaríamos bem longe de N***.” Depois, como tinha estudado demoradamente os horários para organizar aquela expedição, lembrou-se de que passava um comboio às oito da manhã para Paris. Pouco depois, perder-se-iam

na vastidão da cidade, onde se escondem tantos culpados. Quem iria descobrir ali dois inocentes? Mas não dariam com o inglês antes das oito horas? Aí é que batia o ponto.

Absolutamente convencido de que não havia outra posição a tomar, fez um esforço enorme para repelir o torpor que há muito se apoderara dele; mas, ao primeiro movimento que fez, a jovem companheira acordou e beijou-o de forma estonteante. Ao sentir-lhe a face gelada, deixou escapar um gritinho:

– O que se passa? – perguntou-lhe, inquieta. – A testa está fria como mármore!

– Não é nada – respondeu com uma voz pouco segura. – Ouvi um barulho esquisito no quarto ao lado...

Libertou-se dos braços dela e começou por afastar a chinelinha azul; colocou uma cadeira diante da porta de comunicação, de forma a esconder da amada o horrível líquido que, tendo cessado de deslizar, formava agora uma mancha bastante larga no chão. Em seguida, abriu a porta que dava para o corredor e escutou com atenção. Atreveu-se mesmo a aproximar-se da porta do inglês. Estava fechada. Havia já um certo movimento no hotel. O dia despontava. Os moços de estrebaria tratavam dos cavalos no pátio e um oficial descia as escadas, vindo do segundo andar, fazendo soar as esporas. Ia presidir a esse trabalho interessante, mais agradável para os cavalos do que para os humanos a que, em termos técnicos, se chama, em França, *la botte*¹⁹.

Léon regressou ao Quarto Azul e, com todos os cuidados que o amor é capaz de inventar, com grande reforço de circunlóquios e de eufemismos, expôs à amada a situação em que se encontravam: perigo se ficassem;

perigo se partissem precipitadamente; perigo ainda maior se esperassem dentro do hotel que a catástrofe do quarto ao lado fosse descoberta. Escusado será dizer o medo causado por este relato, as lágrimas que se seguiram, as propostas insensatas que foram avançadas.

E as vezes que os dois infelizes se lançaram nos braços um do outro, dizendo: “Perdoa-me! Perdoa-me!”— Desculpa! Desculpa! Cada um se achava mais culpado do que o outro. Prometeram morrer juntos, pois a jovem não tinha dúvidas de que a justiça os consideraria culpados do assassinio do inglês; e como não tinham a certeza de que lhes seria permitido beijarem-se uma última vez no cadafalso, beijaram-se até sufocarem, abundantemente regados pelas lágrimas de ambos. Por fim, depois de terem dito grande quantidade de coisas absurdas e outras tantas palavras ternas e dilacerantes, reconheceram, no meio de mil beijos, que o plano engendrado por Léon, ou seja, partirem no comboio das 8 horas, era realmente o único viável e o mais fácil de executar. Mas faltavam ainda duas horas funestas. A cada passo no corredor, tremiam da cabeça aos pés. Cada som de botas denunciava a entrada do procurador imperial. Os seus poucos pertences foram arrumados num piscar de olhos. A jovem queria queimar a chinelinha azul na lareira; mas Léon apanhou-a e, depois de a limpar ao tapete, beijou-a e meteu-a no bolso. Surpreendeu-o que cheirasse a baunilha; a sua amada usava um perfume com o mesmo *bouquet* do da Imperatriz Eugénia.

Já toda a gente se tinha levantado, no hotel. Ouviam-se rapazes a rir, criadas a cantar, soldados a escovarem as fardas dos oficiais. Acabavam de soar as 7 horas. Léon

quis obrigar a sua amada a beber uma chávena de café com leite; mas ela declarou que tinha a garganta tão apertada que morreria se tentasse beber o que fosse.

Com os óculos azuis postos, Léon desceu para pagar a conta. O estalajadeiro pediu-lhe desculpa pelo barulho que lhes tinham feito e para o qual continuava sem ter uma explicação: os senhores oficiais eram sempre tão sossegados! Léon garantiu-lhe que não tinha ouvido nada e que tinha dormido perfeitamente.

– Por exemplo, o vosso vizinho do outro lado – prosseguiu o estalajadeiro – não vos há-de ter incomodado. Esse não faz barulho nenhum. Aposto que ainda está a dormir ferrado.

Léon apoiou-se com força no balcão, para não cair, e a jovem, que tinha feito questão em acompanhá-lo, agarrou-se com força ao braço dele, tapando bem os olhos com o véu.

– É um milorde – continuou o estalajadeiro, impiedoso. – Quer sempre do melhor²⁰. Ah, é um homem mesmo como deve ser! Mas nem todos os ingleses são como ele. Tivemos aqui um que parecia um desgraçado. Achava tudo muito caro, o quarto, o jantar. Quis que lhe trocasse uma nota por cento e vinte e cinco francos; uma nota do Banco de Inglaterra de cinco libras esterlinas... Falta saber se é verdadeira! Veja, caro senhor; deve saber identificá-la, pois ouvi-o falar inglês com a Senhora... É verdadeira?

E dito isto, mostrou-lhe uma *banknote* de cinco libras esterlinas. Num dos ângulos, tinha uma pequenina mancha vermelha, que Léon referenciou imediatamente.

– Acho que é absolutamente genuína – disse, com voz abafada.

– Oh, têm muito tempo – prosseguiu o estalajadeiro.
– O comboio só passa às oito e vem sempre atrasado. Sente-se, minha senhora. Está com um ar fatigado...

Nesse momento, entrou uma criada gorda.

– Depressa, água quente para o chá do milorde! E tragam-me também uma esponja! Partiu a garrafa de vinho e tem o quarto todo inundado.

Ao ouvir estas palavras, Léon deixou-se cair numa cadeira; a companheira fez o mesmo. Foram ambos assaltados por uma forte vontade de rir e tiveram de fazer um esforço para se conterem. A jovem apertou-lhe a mão, alegremente.

– Está decidido – disse Léon ao estalajadeiro –, vamos antes no comboio das duas horas. Prepare-nos um bom almoço para o meio-dia.

Composto e escrito por Pr. MÉRIMÉE

lonco por S. M. a Imperatriz.

¹ Nome dado por Mérimée à Imperatriz Eugénia. A Rhune é uma serra com 900 m de altura, localizada na fronteira espanhola, a 25 km de Biarritz. Via-se da janela do palácio da Imperatriz.

² Nome que soa como o do Duque d'Aumont.

³ A partida dos comboios era assinalada pelo toque de uma sineta.

⁴ O senhor Poinot, presidente do quarto juízo do Tribunal Imperial de Paris, foi assassinado em 6 de Dezembro de 1860, numa carruagem de primeira classe. Charles Jud, o presumível assassino, foi detido, mas conseguiu escapar e as malogradas buscas da polícia foram objecto de inúmeras piadas.

⁵ Carruagem de primeira classe que tinha, efectivamente, a forma de uma diligência. (N. do A.)

⁶ Para o cais. (N. do A.)

⁷ "Deixa-me em paz, miserável!" (N. do A.)

⁸ "Não me leve ao desespero". (N. do A.)

⁹ Tecido pintado ou estampado que passava por ter sido fabricado na Pérsia.

¹⁰ História trágica de dois apaixonados, contada por Ovídio (*Metamorfoses*, IV, 55 e segs.): um leão surpreende Tisbe, que aguardava Píramo; ela consegue fugir, deixando o véu nas garras do animal. Ao ver o véu, Píramo deduz que ela morreu e mata-se. Tisbe volta, vê o cadáver do amante e suicida-se. A alusão a esta série de mal-entendidos não é indiferente para o desenvolvimento do conto de Mérimée.

¹¹ Gravura retirada do quadro de Eugénio Devéria (1805-1865).

¹² Esta cena de *La nouvelle Héloïse*, de Rousseau, foi frequentemente retratada por pintores.

¹³ *Recordações e Remorsos*, de Claude-Marie Dubuffe (1790-1864), quadros expostos no Salão de 1827 e frequentemente reproduzidos no séc. XIX.

¹⁴ Alusão, segundo comentadores, à cena do fiacre em *Madame Bovary*. Em *Duplo Engano*, o próprio Mérimée tinha descrito uma cena de amor dentro de uma viatura.

¹⁵ Samuel Johnson, moralista e crítico inglês (1709-1784), conta em *The Rambler* a história de Seged, Imperador da Etiópia, que, tendo-se permitido gozar dez dias de repouso após a guerra, viu a filha morrer ao décimo dia. "Foi ele próprio quem fez relato que legou à posteridade, para despertar no futuro reflexão a todos os que tivessem a presunção de dizer: Amanhã vou ser feliz." Quanto ao grego aqui evocado, pode ser Sólon, Sófocles ou outro, pois o adágio citado era muito difundido, na Antiguidade.

¹⁶ Ária muito popular, extraída de *La cavavane du Caïre*, ópera de Grétry, representada pela primeira vez em 1783.

¹⁷ Dar por dez, em cem (tentativas) de qualquer coisa para adivinhar. Expressão frequentemente utilizada por Molière. (N. do A.)

¹⁸ Frase célebre das *Fourberies de Scapin* (As Artimanhas de Scapin), de Molière.

¹⁹ Distribuição de feno aos cavalos. (N. do A.)

²⁰ Vinho da melhor qualidade.

Leopold von Sacher-Masoch

O caminheiro

Tradução de Teresa Seruya

Sacher-Masoch (1836-1895). Leopold Ritter von Sacher-Masoch nasceu em Lemberg, na Galícia, hoje parte da Ucrânia; no século XIX era província fronteiriça do Império Austro-Húngaro, e nela se confrontavam vários povos e nacionalidades – polacos, russos, alemães, judeus. Alguns dos contos de Sacher-Masoch têm como cenário acontecimentos históricos – a peste de 1830, a Revolução Polaca de 1846, a Revolta Camponesa de 1863, mas constroem um universo absolutamente singular, muitas vezes literalmente kitsch. A fantástica Galícia, com os seus Cárpatos, terra de lendas e vampiros, inspirou os contos e novelas mais importantes de Sacher-Masoch, dominadas por uma visão regionalista, moralista e doutrinária. Não é de estranhar que tenha sido considerado, por todo o século XIX, como um escritor cor-de-rosa destinado às raparigas. Sacher-Masoch tinha ascendência espanhola, germânica e eslava e foi criança frágil e enfermiça que sobreviveu contra as expectativas de todos. Era filho do director da Polícia de Lemberg e desde cedo mostrou grande aptidão escolar. Quando tinha doze anos, a família mudou-se para Praga, onde Leopold estudou Direito, formando-se aos dezanove anos. Sacher-Masoch escreveu mais de cem títulos – romance, conto, ensaio, teatro – de que o mais conhecido é *A Vénus das Peles* (1870). Os seus *Contos Galicianos* são ainda hoje perfeitamente legíveis. Sacher-Masoch planeava um ciclo de novelas (*Das Vermächtnis Kains* (“O Legado de Caim”), que tinha como intenção tratar “toda a existência humana”. *Der Wanderer* (“O Caminheiro”), publicada em 1870, deveria ser o prólogo dessa obra.

Só Deus sabe quanto esta peregrinação vai ainda durar

Ivan Turgueniev

Pensativos, de espingarda ao ombro, caminhávamos, o velho guarda-florestal e eu, por entre a enorme massa, pesada e escura, de floresta densa plantada no sopé das nossas montanhas que espraia os braços gigantescos pela planície fora, a perder de vista. O crepúsculo emprestava à zona de negras coníferas virgens, que parecia não ter fim, uma atmosfera ainda mais sombria e silenciosa do que era habitual; até perder de vista não se ouvia nem uma voz de ser vivo, nem um som, um ramalhar de folhagens, a perder de vista nem uma luz a não ser de vez em quando uma pálida rede de ouro mate que o sol, a despedir-se, estendera sobre o musgo e as ervas.

O céu sem nuvens, de um azul pálido, via-se a espaços por entre as copas imóveis e venerandas dos pinheiros. Um odor pesado de putrefacção húmida pairava nas gigantescas agulhas e hastes, e nem sequer se ouvia o chão estalar sob os nossos pés. Caminhávamos

sobre um tapete suave e maleável. Por vezes avistava-se um daqueles fragmentos de rocha erodidos, recobertos de verde, que se encontram semeados pelas encostas dos Cárpatos e continuam pelas florestas adentro, prolongando-se mesmo pela planura amarelo-seara; são testemunhas mudas de um tempo meio-esquecido em que um mar imenso arremessava as suas águas contra as margens recortadas das nossas montanhas.

Como que a lembrar-nos aqueles dias da Criação festivamente monótonos, levantou-se de repente um vento forte lançando, em grande rugido, ondas invisíveis por entre as copas pesadas, as agulhas verdes que tiritavam, os milhares e milhares de ervas e plantas que se inclinavam, submissas, à sua passagem. O velho guarda-florestal estacou, ajeitou os cabelos brancos que o ar irrequieto e torrencial havia desalinhado e sorriu. Uma águia pairava no azul etéreo, mesmo por cima de nós. O velho pôs a mão em pala sobre os olhos, franziu os fartos sobrolhos e ficou a olhar para ela.

– Quer atirar-lhe? – disse ele com voz arrastada.

– Como é que eu ia conseguir... – retorqui eu.

– A tempestade vai-a empurrando para terra – murmurou o velho, sem mudar de posição.

Na verdade, crescia a cada instante o que fora um ponto alado, preto, e eu já lhe via brilhar a plumagem. Aproximámo-nos de uma clareira debruada de pinheiros sombrios, por entre os quais se avistavam solitárias bétulas brancas quais esqueletos de um museu anatómico; aqui e ali incandesciam bagas vermelhas.

A águia voava tranquilamente em círculo por cima de nós.

– Dispare o senhor!

– Dispara tu, velho.

O guarda-florestal semicerrou os olhos, pestanejou um momento, tirou a carabina enferrujada do ombro e puxou o gatilho.

– Quer mesmo que eu faça isto?

– Claro! Eu de qualquer modo não lhe acerto.

– Pois seja, e que Deus me valha!

O velho ajustou a carabina à face com toda a calma, um relampejo subiu no ar e o bosque devolveu, ribombante, o tiro. A ave bateu as asas e, por momentos, pareceu ainda transportada pelo ar, depois caiu em terra como um pedregulho. Corremos para lá.

“Caim! Caim!” foi o grito que saiu da mata ao nosso encontro, brônzeo e potente como a voz do Senhor quando falou no Paraíso aos primeiros homens, ou ao maldito que derramara o sangue do irmão.

E os ramos apartaram-se.

Diante de nós estava uma aparição selvagem e excêntrica, fora da medida humana. Um homem erguia-se, imponente, por entre os arbustos, um ancião de constituição gigantesca, cabeça destapada, cabeleira branca ondulada, barbas brancas em cascata e sobrançelas brancas, olhos grandes, ameaçadores e lúgubres que fixava em nós qual vingador ou juiz. Vestia um cilício todo remendos e rasgões, do ombro pendia-lhe uma cabaça, apoiava-se num bordão de caminheiro e abanava a cabeça com tristeza. Depois avançou para apanhar a águia morta, cujo sangue ainda quente lhe corria pelos dedos, e ficou a contemplá-la em silêncio. O guarda-florestal benzeu-se e segredou com a respiração contida:

– É um caminheiro¹, um santo.

Dito isto, pendurou a espingarda ao ombro silenciosamente e desapareceu por entre as árvores seculares cor de castanha.

Contra a minha vontade, os meus pés assentavam raízes na terra, e foi assim que quase me vi forçado a olhar para o inquietante ancião. É certo que já tinha ouvido falar amiúde na estranha seita a que ele dizia pertencer e que o nosso povo tinha em grande e venerável conta. Pois agora era altura de satisfazer a minha curiosidade.

– O que é que ganhas com isto, Caim? – disse o caminheiro pouco depois, voltado para mim. – Os teus instintos sanguinários estão satisfeitos, estás saciado do sangue do teu irmão?

– Então a águia não é um verdadeiro bandido? – retorqui eu, célere. – Não assassina os mais pequenos e fracos da sua espécie? Matá-la não será antes uma boa obra?

– Sim, assassina é – disse o extravagante velho com um suspiro. – Derrama sangue, como todos os que vivem, mas teremos nós de agir do mesmo modo? Eu não o faço, mas tu, sim, sim, tu também és da estirpe de Caim, conheço-te, tens o sinal.

– E tu? – disse eu, embaraçado, - afinal quem és tu?

– Um caminheiro.

– O que é isso?

– Alguém que anda a fugir da vida.

– Estranho!

– É estranho, mas é a verdade – murmurou o ancião, depondo suavemente a águia morta no chão, enquanto me lançava um olhar compreensivo; de um

momento para o outro, a sua expressão tornou-se infinitamente suave e benfazeja. – Cai em ti! – continuou ele, com voz tremente e admoestadora. – Desprende-te do legado de Caim, reconhece a verdade, aprende a renunciar, aprende a desprezar a vida e a amar a morte.

– Como hei-de seguir a verdade, se não a conheço? Ensina-me.

– Não sou santo, como havia de ensinar-te a verdade? Mas quero contar-te o que sei.

Andou alguns passos em direcção a um tronco de árvore que apodrecia na clareira da floresta e sentou-se; eu sentei-me não longe dele numa pedra coberta de musgo. Apoiou então a venerável cabeça nas mãos e olhou em frente; por mim, deixei cair os braços no colo e preparei-me para o ouvir.

– Também eu sou filho de Caim – começou ele – e neto daqueles que comeram da árvore da vida, cabe-me agora expiar e peregrinar, peregrinar até ficar livre da vida. Também eu vivi e me entusiasmei loucamente com a existência, enfeitando-a de ridículas lantejoulas, também eu! Chamei meu a tudo o que um homem, no seu insaciável desejo, pode deitar mão, e fiquei a conhecer o âmago de tudo isso. Amei e fui ridicularizado, espezinhado quando amava de todo o coração, idolatrado quando, maldosamente, jogava com os sentimentos dos outros, com a sorte alheia, idolatrado como um Deus! Tive a experiência de como a alma que julgava irmanada à minha, o corpo que o meu amor tinha por sagrado foram vendidos como mercadoria no mais abominável dos comércios. Vi a mulher com quem casei, a mãe dos meus filhos, nos braços de um estranho. Eu era escravo da mulher e senhor da mulher, e era como o rei

Salomão que amava muitas mulheres. Nasci e cresci na abundância e nada sabia das privações e da miséria dos homens, mas de um dia para o outro a riqueza desapareceu de nossa casa e quando quis enterrar o meu pai mal havia dinheiro para o caixão. Lutei anos a fio para sobreviver, conheci cuidados e aflições, a fome, noites sem sono, o medo e a doença. Entrei em contenda com os meus irmãos em nome de bens e privilégios, enganei e fui enganado, roubei e fui roubado, tirei a vida a outros e estive eu próprio à beira da morte, tudo em nome deste ouro satânico, em nome da posse. Amei com paixão o estado de que era cidadão e o povo cuja língua falo, fui investido em cargos e honrarias, jurei bandeira pelo meu país e parti para a guerra com entusiasmo raivoso, odiei, persegui e matei outros só porque falavam outra língua, e pelo meu amor só colhi vergonha, pelo meu entusiasmo só troça e desprezo.

Também aprendi, à semelhança dos filhos de Caim, a viver à custa de outros, do suor dos meus irmãos, que humilhei reduzindo-os à condição de servos, de instrumento, e não pensei duas vezes antes de pagar com sangue estranho os meus prazeres e divertimentos. Mas também carreguei o jugo mais do que uma vez, senti o chicote, dei-me ao trabalho por outros e aspirei incansavelmente ao lucro, trabalhando sem descanso de manhã à noite; em angustiados sonhos nocturnos, porém, não deixei de somar os meus números, e dia e noite, na sorte e na desgraça, nas privações e na abundância só uma coisa receei sempre: a morte. Tremi diante dela; à ideia de me separar desta existência amada, derramei lágrimas, à ideia do aniquilamento, amaldiçoei-me, e a toda a Criação. Enquanto tinha

alguma esperança, senti um medo terrível, sofri os mais terríveis tormentos. Mas o conhecimento desceu sobre mim. Vi a guerra dos vivos, vi a vida dos homens, tal como é, e vi o mundo, tal como é.

O velho sacudiu a cabeça branca, embrenhado nos seus pensamentos.

– E que conhecimento foi esse que adquiriste? – perguntei eu após uma pausa.

– A primeira grande verdade – continuou ele – é que todos vocês, pobres criaturas loucas, vivem na ilusão de que Deus, na sua sabedoria, bondade e onipotência criou este mundo tão bom quanto possível, tendo nele instituído uma ordem moral, pelo que o malvado que age com perfídia perturba essa ordem e esse mundo bom, assim ficando à mercê da justiça temporal e eterna. Triste e fatídico erro! A verdade é que este mundo é mau e defeituoso, a vida uma espécie de penitência, uma prova dolorosa, uma triste romagem, e tudo o que vive, vive da morte, do saque do Outro!

– Portanto o homem, na tua visão, também não é mais do que uma besta?

– É isso mesmo, é a mais inteligente, sanguinária e cruel das bestas. Nenhuma outra é tão inventiva a roubar e a subjugar os irmãos, e tudo se passa assim para onde quer que olhes; no género humano como na natureza é a luta pela existência, a vida à custa dos outros, crime, rapto, roubo, fraude, servidão. O homem escravo da mulher, os pais dos filhos, os pobres dos ricos, o cidadão do estado. Todo o esforço, todo o medo vai para esta existência que não tem outro fim para além de si própria. Viver! Viver! – é o que todos querem, prolongar a vida e transmitir a outros esta infausta existência.

E a segunda grande verdade – mas tu não me vais perceber, Caim!

– Talvez sim!

– A segunda verdade – continuou ele em tom suavemente grave – é que o prazer não é real, em si não é nada, apenas uma libertação da necessidade corrosiva e do sofrimento que ela causa. No entanto, todos correm atrás do prazer e da felicidade, acabando apenas por prolongar a vida, quer terminem os seus dias na riqueza ou na pobreza. Mas, acredita, a desgraça não reside na renúncia, antes e só na esperança sempre viva numa felicidade que nunca chega, nunca pode chegar! É o que é esta felicidade, sempre próxima e tangível, contudo eternamente distante e inatingível que não deixamos de imaginar, do berço até ao túmulo? Responde-me, se souberes.

Abanei a cabeça e não encontrei resposta.

– A felicidade – continuou o velho – procurei-a na mulher, na propriedade, no meu povo, por todo o lado onde há alento e a vida sopra. E sempre dei comigo defraudado e escarnecido. A felicidade, sim... talvez seja a paz que aqui procuramos em vão, pois o que existe é a luta a cumprir-se na morte, que tanto receamos. A felicidade, quem não a procurou antes de tudo no amor, e quem não experimentou nele as mais amargas desilusões? Quem não estava preso à fantasia de que a satisfação do anseio sobre-humano que o inunda, a posse da mulher amada, lhe traria um gozo completo, uma ventura sem nome, e quem não acabou por se rir, acabrunhado, das alegrias que forjou? Envergonha-nos reconhecer que a natureza pôs em nós este anseio só para nos tornar seu instrumento cego e dócil, pois que se

importa ela connosco? Ela quer propagar a nossa espécie! Podemos soçobrar se cumprirmos a sua intenção, se providenciarmos a imortalidade do nosso género. E recebeu a mulher de tantos atractivos só para ela nos obrigar a carregar o seu jugo e depois poder dizer: trabalha para mim e para os meus filhos.

O amor é a guerra dos sexos, em que cada um luta para subjugar o outro, fazer dele escravo, burro de carga, pois homem e mulher são inimigos por natureza, unem-se, como todos os seres vivos, por pouco tempo e em doce volúpia, como que num único ser, devido ao desejo, ao instinto de procriação, para depois se pegarem fogo em hostilidade ainda mais ruim e lutarem pelo domínio de modo ainda mais violento e implacável. Já viste ódio maior do que entre pessoas que em tempos o amor uniu? Já encontraste maior crueldade e menos compaixão do que entre homem e mulher?

Ofuscados, loucos desvairados, selastes um pacto eterno entre o homem e a mulher, como se estivesse em posição de alterar a natureza segundo os vossos pensamentos e imaginação, e dizer a uma planta: floresce!, mas não murches nunca e não dês fruto!

O velho caminheiro sorriu, mas neste sorriso radioso não havia maldade, nem desprezo, nem troça, nada senão a serena claridade do conhecimento.

— Também conheci a maldição — continuou ele — a maldição que reside na propriedade, em qualquer espécie de posse. Nascida do saque e do crime, do furto e da fraude, a posse desafia à prática disso mesmo, gerando sempre mais ódio e discórdia, saque e crime, furto e fraude sem fim! Como se o grão do campo, o fruto da árvore e o leite dos animais não existissem para todos.

Mas a avidez demoníaca da propriedade habita os filhos de Caim, a crueldade de tudo usurpar, nem que seja só para que outros não possam deitar-lhe a mão. E não chega que uma única pessoa, pela força ou pela astúcia, se apodere sozinha daqueles bens de que centenas, muitas vezes até milhares, podiam viver. É como se cada um se quisesse instalar ali para a eternidade, a si e à sua ninhada, deixando ainda tudo como herança a filhos e netos, que acabam por despejar o seu lixo em estofos de seda, enquanto os filhos de quem nada tem se vão desgraçando que mete dó. Uns procuram conquistar, outros segurar o que têm. O desapossado declara guerra ao possuidor num combate sem fim, se um sobe, o outro cai e começa de novo a trepar. Equilíbrio e justiça, não há nunca, José é vendido diariamente pelos seus irmãos, Caim derrama o sangue dos irmãos dia após dia, e o sangue brada aos céus contra ele.

O ancião, de mãos estendidas em gesto de defesa, não escondia a sublime revolta que o assaltava.

– Mas o homem isolado é fraco demais para fazer guerra contra o número – continuou ele – por isso os filhos de Caim uniram-se em comunidades, povos e estados para a pilhagem e o assassinio. É verdade que, assim, se põem limites ao egocentrismo de cada um, se contém a sua cobiça e os seus instintos sanguinários, mas as mesmas leis que deviam proteger contra novos crimes, ao mesmo tempo são as que consagram e dão força aos criminosos de anteriores gerações e tempos. E também não é só sobre o egoísmo que o Estado faz pressão. São-nos impostas – segundo os objectivos que os governantes perseguem – uma fé estranha, uma língua estranha, uma convicção estranha, ou então as nossas

são oprimidas e definham; somos postos ao serviço de intenções que abominamos, e inibidos nas nossas aspirações; o nosso suor, e até o nosso sangue se tornam moeda para pagar os caprichos daqueles que dirigem o Estado, quer estes caprichos se chamem fausto e exuberância, caçadas e mulheres, soldados, ciência ou belas artes. Nada é sagrado, contratos de toda a sorte são celebrados e violados sem razoabilidade nem vergonha. Quantas vezes o futuro de todo um povo não foi já sacrificado por o seu príncipe não resistir à sedução de um momento! Espiões insinuam-se junto das famílias e rompem todos os laços do afecto, da moralidade, a mulher vende o marido, o filho o pai, o amigo o amigo, a justiça é falseada, a educação do povo, único meio da verdadeira mudança, é resolvida com uma vil esmola, e, assim, o saber e o conhecimento vêem-se desterrados para círculos estreitos. Quem representa o povo com a palavra e a pena é perseguido, carregado de grilhões, dízimado e corrompido, feito apóstolo da mentira. Aqueles, porém, que o servem, procuram apenas a sua própria vantagem sob a capa do Estado, chegando a roubá-lo enquanto lhe chamam o seu Deus. E se, por fim, o povo pagar a sua servidão, vergonha e embrutecimento com a bancarrota e, em desespero, fizer dos instrumentos da paz armas contra os opressores, a revolta – quer acabe em vitória ou derrota – só desencadeará paixões, a bestialidade das massas, respondendo ao sangue com sangue, à pilhagem com pilhagem. Aquilo que nos é tão elogiado como amor ao povo, e mesmo à pátria, será outra coisa que não egocentrismo?

Os povos e os estados são homens em ponto grande e, tal como os pequenos, rapaces e sanguinários. Decer-

to que não é possível viver sem lesar de alguma maneira a vida dos outros. A Natureza destinou-nos que viéssemos da morte de outros, porém, assim que for aceite o direito de exploração de organismos inferiores em nome da necessidade e do instinto da auto-preservação, não só ao homem será lícito atrelar o animal ao arado ou até matá-lo, mas também o mais forte o poderá fazer aos mais fracos, o mais dotado aos menos dotados, a raça branca mais forte aos de cor, o povo mais capaz e culto, ou mais desenvolvido por circunstâncias favoráveis, ao menos desenvolvido.

– Assim é, de facto.

– O que se pune no seio da sociedade burguesa com o cárcere ou o cadafalso é o que um povo ou um estado faz a outro, sem que se veja aí crime ou infâmia. Matam-se em grande escala pela terra e pela posse, e cada povo procura lesar o outro, submetê-lo, escravizá-lo, explorá-lo ou dizimá-lo, como os homens fazem uns aos outros.

O que é a guerra – para a qual não raro são arrastados os melhores de um povo por falsas miragens ou entusiasmos enganadores – se não a luta pela sobrevivência em grande escala, saques e genocídios, acompanhados pela escravatura do serviço à bandeira, espionagem, traição, fogos criminosos, violações e pilhagens seguidos de epidemias e fome! Não vemos assim actuar em milhões de pessoas aquele desgraçado instinto, sempre vivo, que, em cada um, mina toda a existência humana?

O velho calou-se durante algum tempo.

– Queres que te revele – disse ele depois com festiva serenidade – o grande mistério da existência?

– Sim, diz-me qual é.

– O mistério é que cada um de nós quer viver à custa de outros, pelo roubo e pelo crime, e devia viver por si só, do seu trabalho. Só o trabalho nos liberta de toda a miséria. Enquanto cada um procurar que outros trabalhem para si e pretender gozar sem suor os frutos do esforço alheio, enquanto uma parte da humanidade tiver de suportar a escravatura e privações para que outros se regalem com o excesso, não pode haver paz na terra.

O trabalho é o nosso tributo à existência: para viver e gozar, é preciso trabalhar. É no trabalho e no esforço que reside tudo o que a felicidade nos pode conceder. Só na luta pela vida, viril e corajosa, se pode vencer. Quem não trabalha e se alegra com isso, acaba por sair ludi-briado, pois sobrevém-lhe aquela insatisfação corrosiva que se sente tão bem nos palácios dos elegantes e dos ricos, aquele nojo fundo da vida a que está associado o mais tormentoso medo da morte.

Sim, a morte intimida todos os descontentes, os infelizes, e até a maioria dos que reconheceram a razão de ser da existência – a morte com os seus companheiros torcionários, a dúvida e o medo.

Quase ninguém se lembra, se quer lembrar, do tempo sem fim em que ainda não era. Todos tremem perante a segunda eternidade em que já não serão. Porquê reear o que fomos uma vez, o que fomos tanto tempo, um estado que se nos tornou tão familiar, quando o actual só nos atemoriza pela sua brevidade e nos atormenta com mil enigmas cruéis? A morte rodeia-nos em todo o lado, pode atingir-nos no instante do nascimento ou mais tarde, de repente, com violência,

ou após longo sofrimento e doença, ou numa situação de mortandade geral e, contudo, cada um se esforça sem cessar por se desviar dela e prolongar a sua existência, que mais tarde ou mais cedo acabará de modo igualmente lamentável e até risível.

Como são poucos os que compreendem que só a morte nos traz a salvação perfeita, a liberdade e a paz, quão poucos são os que, acossados pela vida, a procuram de livre vontade e ânimo sereno! Porventura o melhor seria nunca ter nascido, mas já que se veio ao mundo, viva-se o sonho até ao fim, calmamente, desprezando, com um sorriso, as suas imagens cintilantes, mas enganosas, até desaparecer para sempre no seio da natureza.

O velho cobriu o rosto cheio de rugas fundas e tristes com as mãos castanhas dos estragos do tempo, parecendo estar ele próprio a sonhar.

– Estiveste a contar-me o que da tua vida se tornou conhecimento – retorqui-lhe eu – não queres também falar-me das verdades eternas que daí retiraste, da doutrina que segues?

– Vi a verdade – exclamou o ancião – e soube que a felicidade reside só no conhecimento, que o melhor é esta estirpe de Caim extinguir-se, vi que é melhor ao homem passar fome do que trabalhar, e concluí: não quero mais derramar o sangue dos meus irmãos nem roubá-los, pelo que abandonei casa e mulher e peguei no bordão de caminheiro. Satanás² tem o domínio do mundo, por isso é pecado participar na vida da Igreja, no serviço religioso ou no Estado. Também o casamento é pecado mortal.

E estes seis: amor, propriedade, Estado, guerra, trabalho e morte são o *legado de Caim* que espancou o irmão,

e o sangue do irmão bradou aos céus, tendo o Senhor dito a Caim: “Serás amaldiçoado sobre a terra, errante e fugitivo.”

O justo nada reclama deste legado maldito, nada reclama dos filhos ou filhas de Caim. O justo não tem pátria, está em fuga do mundo e dos homens, tem de caminhar, caminhar, caminhar.

– Por quanto tempo? – perguntei eu. Estremeci perante a minha própria voz.

– Por quanto tempo? Quem sabe... – respondeu o ancião. E quando o amigo, a morte, se aproximar, estará à espera dela de ânimo sereno, ao ar livre, nos campos ou na floresta, para que morra como viveu, em fuga. Hoje à tardinha foi como se ela estivesse a meu lado – séria, cordial e consoladora, mas passou-me à frente, por isso quero pegar no meu bordão e segui-la até a encontrar.

O caminheiro levantou-se e pegou no bordão.

– Escapar à vida é o mais importante – e uma expressão de bondade caridosa iluminou-lhe os olhos – desejar a morte e procurá-la vem logo a seguir.

Pegou no cajado e continuou a caminhada. Não tardou a ser engolido pela densidade do bosque.

Eu fiquei sozinho na mais funda solidão da floresta e fez-se noite em meu redor.

À minha frente estava um tronco de árvore a apodrecer. A madeira pútrida começou a luzir, pondo a descoberto todo um mundo inquieto e activo de plantas, musgos e insectos. Perdi-me nos meus pensamentos. As imagens do dia desfilavam diante de mim como ondas, bolhas que a água lança e de novo engole; vi-as sem apreensão, sem medo, mas também sem alegria. Comecei a compreender a Criação e vi que a morte e a

vida não são tanto inimigos como companheiros afáveis, não são contrários que se anulam, antes mutações da existência que decorrem umas das outras. Senti-me desligado do mundo, a morte já não me pareceu terrível, até menos terrível do que a vida. E quanto mais naufrago em mim próprio, por assim dizer, mais tudo à minha volta se torna vivo e loquaz e me toca a alma. Árvores, arbustos, caules, até as pedras e a terra me estendem os braços.

“Queres escapar-nos, louco? Em vão, não conseguirás. És como nós e nós como tu. A tua pulsação só bate na pulsação da natureza. Tens de nascer, crescer e perecer como nós, viver, morrer e, na morte, dar nova vida, é a tua sina de filho do sol, não te oponhas a ela, de nada te servirá.”

Atravessou a floresta um rumorejar profundo e festivo, sobre mim ardiam as chamas eternas, sublimes e tranquilas. E foi como se eu estivesse em frente da deusa sombria, silenciosa, eternamente criadora e devoradora, e ela começasse a falar comigo:

“Queres apresentar-te perante mim como um ser à parte, triste louco? Acaso uma onda se eleva acima das outras quando o luar a ilumina, só porque reluz mais vivamente por uns instantes? Cada onda é como as outras. Todas vêm de mim e regressam a mim. Aprende a ser modesto no círculo dos teus irmãos, paciente e humilde. Quando o dia te parecer mais longo do que os daquela mosca que só vive um dia, pensa que um dia, em mim, que não tenho princípio nem fim, é somente um instante.

Filho de Caim! Tens de viver! Tens de matar, tens de matar para viver, e matar quando não quiseres viver,

pois só o suicídio te pode libertar. Por isso, aprende a sujeitar-te às minhas leis duras. Não te recuses a saquear e a assassinar, como todos os meus filhos. Compreende que és escravo, que és animal de canga. Que tens de comer o teu pão com o suor do teu rosto. Supera o medo infantil da morte, os calafrios que te percorrem quando me vês.

Sou tua mãe, eterna, infinita e imutável, tu próprio estás limitado pelo espaço, abandonado ao tempo, mortal, instável.

Eu sou a verdade, eu sou a vida. Nada sei do teu medo, e a tua morte ou a tua vida são-me indiferentes. Não me chames cruel por ter abandonado ao acaso aquilo que tens na conta de teu verdadeiro ser, a tua vida, tal como fiz a teus irmãos. Tu, como todos eles, vindes de mim e regressais a mim, mais cedo ou mais tarde. Porque havia eu de impedi-lo, ou proteger-vos, ou chorar-vos? Vós sois eu e eu estou em vós, o que vos faz tremer não é mais do que uma sombra fugaz que eu lanço. O vosso verdadeiro ser não pode perecer pela morte, tal como não foi gerado aquando do vosso nascimento.

Vê como os teus irmãos se encasulam no Outono, como só têm a preocupação do ninho seguro para os seus ovos, e vão morrer tranquilos para, na Primavera, acordarem para nova vida!

Vê como nasce um novo mundo nas gotas de água, no brilho do sol ao meio-dia, e vê -o depois desaparecer no ocaso!

Não acordas tu próprio para uma vida nova depois de morte curta, dia após dia, e não estremeces mesmo assim perante o último sono?

Vejo com indiferença as folhas caírem Outono atrás de Outono, e ainda as guerras e epidemias, e a morte violenta de meus filhos, pois cada um continua vivo noutros seres, e assim eu estou viva na morte, sou eterna e imortal mesmo ao perecer.

Compreende-me e já não me recearás, não me acusarás mais, a mim, tua mãe.

Fugirás da vida para o meu seio, do qual emergiste para curta tormenta, e retornarás à infinitude que era antes de ti e será depois de ti, enquanto a tua existência limita e devora o tempo.”

Falou-me assim. À minha volta, depois, nada mais havia senão um silêncio profundo e triste. A natureza, como que em gesto compassivo, recolheu-se e deixou-me entregue aos pensamentos dos quais ela não podia libertar-me.

Vi como mentiras sagradas nos ofuscaram, vi como dispusemos os herdeiros de Caim não para serem senhores dela, mas seus escravos, de quem precisa para fins indesvendados, e em quem injectou este medo de viverem e se reproduzirem, para garantir os seus serviços pesados, o seu trabalho árduo, a sua servidão sem esperança.

Um arrepio sem nome tomou conta de mim, era preciso desprender-me dela, escapar-lhe. Cobrei ânimo e procurei o ar livre. Pensamentos, receios e dúvidas esvoaçavam como morcegos à volta da minha cabeça, nebulosos e mudos. Apressei-me em direcção à planície que se estendia diante de mim, suavemente iluminada pelo céu claro da noite e suas incontáveis luzes. Ao longe vi a minha aldeia, as janelas de minha casa que luziam, acolhedoras. Uma paz profunda envolveu-me, e em

mim já ardia, em quietude festiva, a ânsia sagrada do conhecimento e da verdade. E ao virar para o familiar atalho entre prados e campos, vi de repente uma enorme estrela no céu, grande e nítida, e era como se ela caminhasse à minha frente, como em tempos diante dos Reis Magos que demandavam a luz do mundo.

¹ Os "peregrinos" constituem a mais peculiar e utópica de todas as seitas ortodoxas da Igreja russa, pertencendo ao tipo de sacerdote da mesma. É sua convicção que a ordem ética do mundo está desfeita, que o demônio foi incumbido do domínio do mundo, pelo que a participação na vida do Estado ou da Igreja é puro serviço que se lhe presta, mas do qual os piedosos se têm de livrar pela fuga e a peregrinação sem descanso. Mesmo a aceitação de um passaporte é pecado grave, pois é vista como o reconhecimento do reino deste mundo. O peregrino não tem mulher nem propriedade, não reconhece o Estado nem a Igreja, não derrama sangue e, portanto, não faz serviço militar, e também não trabalha. Os justos não podem ter casa em parte alguma, a sua profissão é fugir ao mundo, único meio de salvar a alma. Àqueles que ainda não têm força suficiente para cortar por completo com o reino do mal, é-lhes permitido, "em nome da sua fraqueza", exercer, por um tempo, uma profissão burguesa e ter residência fixa; mas têm de ter quartos secretos preparados para os peregrinos aí poderem, em qualquer altura, encontrar abrigo e asilo. Ao aproximar-se a hora da morte, porém, o justo tem o dever de se fazer transportar para os campos ou para a floresta, para que se possa dizer que morreu "em fuga". O povo mais modesto tem estas seitas em alta consideração; a estranha e inquietante figura do peregrino, que se inclui no estado monacal, rejeita o casamento como pecado mortal e apenas consente um livre "viver em comum dos sexos". É uma verdadeira figura nacional do grande mundo eslavo do Leste, que aparece com frequência nas aldeias e cidades do vasto reino, causando, pelo seu aspecto selvagem, uma impressão indelével em quem quer que o tenha visto.

² Satanás, cujo nome o nosso povo raramente pronuncia, não tem na nossa cultura nada em comum com o cínico diabo alemão, surge antes como a pura e grandiosa personificação do princípio do mal (sensual), como o sucessor do "Deus negro", que se opunha ao "Deus branco", assentando os eslavos pagãos a sua concepção do mundo nesta oposição.

Júlio Dantas

Os serenins de Queluz

Júlio Dantas (1876-1962) nasceu em Lagos. Foi médico, jornalista, político, académico. Foi dramaturgo profícuo – é dele a célebre *Ceia dos Cardeais* (1902), entre outros dramas e comédias – romancista, contista, cronista, ensaísta e poeta. Já académico famoso, foi o alvo preferido da chacota do primeiro modernismo, que via nele o exemplo acabado do académico pomposo e estéril. Dantas foi comissário do governo junto do Teatro D. Maria II, professor e director da Secção de Arte Dramática do Conservatório, inspector superior das Bibliotecas e Arquivos. Foi deputado e ministro, membro da Academia das Ciências e, a partir de 1922, seu Presidente. Grande cultor do conto/crónica histórica, de que é exemplo *Sevenins de Queluz* (*in O Amor em Portugal no Século XVIII*, 1915), Júlio Dantas deixou retratos extremamente vivos e humorísticos do Portugal setecentista.

A Rainha enlouquecera.

Na noite de 10 de Fevereiro de 1892, em Queluz, na sala D. Quixote, os dezassete médicos do Paço, à frente dos quais se encontrava o magríssimo Dr. António José Pereira, cirurgião-mor do Reino, assinavam, espiados pelos óculos verdes do Bispo confessor, os quatro quesitos acerca da incapacidade de D. Maria I para o exercício do poder real. O médico Inglês Willis voltara para Londres, desiludido. Inácio Tamagnini falava ainda vagamente em trepanação, sem se saber bem porquê nem para quê. Todas as esperanças estavam perdidas. Um ministério de bonzos, reunido na Sala do Conselho de Estado, discutia gravemente, pesado de cabeleiras e de grã-cruzes. Perto, vindos do oratório, os gritos da Rainha doida atroavam o Paço, lamentosos, lancinantes, misturados com as *malagueñas* das açafatas espanholas da Princesa:

– Ai Jesus! Ai Jesus!

Só os ministros e os médicos teriam, naquele momento, uma vaga consciência do drama que se estava passando. O resto da corte, despreocupada, ria, conversava, dançava, ouvia o cravista Policarpo e o tiple Cafarelli, o tenor Raff e o baixo Pucci, à luz de trezentas velas de cera, debaixo do tecto verde onde, num painel imortal, David Perez e Lucas Jovini davam lição de música às senhoras Infantas. Enquanto na Sala D. Quixote se depunha uma rainha louca, – na Sala das Talhas havia serenim. Não eram já os serenins doutro tempo, os serenins célebres da rainha Mariana Vitória, com a rabeça do alemão Goenmann e a flauta do espanhol Rodillo, a voz do italiano Caporalini e a batuta admirável de David Perez, – onde o próprio Núncio, cardeal Conti, e o cônego Gonsalvini tocavam *trios* de Bach com a condessa de Pombeiro, e se desenterrava das arcas a baixela Germain para servir caldo de galinha fumegante em tijelas de Índia velha; mas um serenim da decadência, sonolento, arrastado, sorna, com os *castrati* a reboarem-se, o velho duque de Lafões a um canto, cheio de carmim e de sinais, a falar de Gluck, de Metastásio e de Viena de Áustria, o conde da Ponte a abrir a boca, e o mestre da capela real, João Cordeiro da Silva, saltitante, nervoso, roendo as unhas, fugindo das correntes de ar e espirrando como um bode quando a condessa da Ribeira lhe voltava as folhas dos papéis de solfa. Para todos eles, D. Maria I morrera havia muito tempo, – na noite trágica de Salvaterra. Era uma sombra aos uivos no Paço um fantasma de realeza que já não acordava a piedade de ninguém. Que importava que a depusessem? Que poderia interessar à corte a deposição dum espectro? Enquanto o cravo da oitava larga

chocalhava sob os dedos do Policarpo, e o tiple Ferracuti cantava com a condessa de Vila Flôr ou com a linda condessa de Soure, penteada à crioula à moda do cabeleireiro francês Leonard, o dueto de Cimarosa "*Ab, cari palpiti*", – os papagaios do Paço, arremedando os gritos da Rainha doida, berravam dilacerantemente pelos corredores:

– Ai Jesus! Ai Jesus!

As salas do Trono, dos Archeiros e das Serenatas enchiam-se duma multidão de frades e de sécias, de poetas e de fidalgos, de peraltas e de músicos, de oficiais alemães e de cônegos vermelhos da Patriarcal, furando, acotovelando-se, intrigando, namorando com os chapéus e com os leques, rindo com os castrados italianos, correndo atrás do bobo do paço D. João da Falperra, de bastão e grã-cruz, ou da mulata Rosa, anã e boba, que grunhia e pinchava sobre os tapetes, vestida de encarnado, como uma bola. Enquanto o serenim principiava, e se servia o caldo, e chegava o príncipe regente D. João, entre o cardeal da Cunha e o marquês de Marialva, de olhos esbugalhados e de beijo caído, com rapé e frangos assados metidos nas algibeiras da casaca, ninguém se arredava das salas; todos, inclusivamente o malcriadíssimo Kantzow, encarregado de negócios da Suécia, sorriam, abriam roda para o beija-mão, ajoelhavam diante da Princesa que assomava de turbante e úberes de vaca espanhola, e quando, na Sala das Serenatas, o contralto Geziello rompia a primeira arieta, fazia-se em todo o auditório um silêncio da Cartuxa. Mas em breve, pouco a pouco, as salas iam-se despovoando. Os peraltas fugiam. Os próprios ministros estrangeiros, o lindo e apaixonado Barão Schladen,

ministro da Prússia, o embaixador de França, conde de Châlons, o núncio Bellisomi, eram os primeiros a sair à formiga. Esperava-os nos jardins do palácio, pelos bancos de pedra do jogo-da-bola, debaixo das abóbodas de arvoredo de João Baptista Robillon, uma música mais sugestiva do que a de Paesiello e de Zingarelli, e um espectáculo mais atraente que o dos barbados tiples italianos. As açafatas da Rainha doida, agarradas a bandolins marchetados, em trilos sensuais, cantavam entre as murteiras verdes, ao luar, o lundum chorado e as modinhas brasileiras. Era uma perdição, era um delírio. Em volta delas, em êxtase, assentados no chão, todos os peraltas, todos os frades, todo o corpo diplomático escutava em silêncio os requiebrs de voz das manas Lacerdas, os lunduns voluptuosos que o mulato José Manuel ensinara à “Augustinha”, as denguiques soluçadas com que o mulato Caldas, da “assentada de Ménalo” do conde de Pombeiro, se fizera querido de *Miss Welding*. Eram as açafatas que o moço Beckford descrevera nas suas cartas para Londres, a revoar vestidas de branco pelos jardins da Ajuda, olhos ardentes, cabelos negros, beiços grossos de mulatas, cheias de piolhos e de jóias, de sensualidade e de perversidade, mais corruptas ainda desde que a princesa Carlota chegara a Lisboa, gritando, com as suas *malagueñas*, os seus chailes “à turca” e as suas viciosas criadas espanholas. Diante delas, diante desse encanto supremo das açafatas portuguesas, o hipócrita frei Luís do Monte Carmelo, de alcunha frei “Tris-Tris”, já rebolava insensivelmente as ancas; o cavalheiro Saurin, ministro da Holanda, tão avarento que sangrava todos os quinze dias um porco vivo para fazer chouriços,

acenava com peças de ouro por debaixo das abas da casaca; os narizes enormes do príncipe Reuss e do major alemão Bermann, arfavam voluptuosamente; o melómano príncipe Ruffo, ministro de Nápoles, tomava notas num papel de solfa; esquecido da gota, o gracioso marquês da Fronteira saracoteava-se, de cabeça perdida; Kanzow, apoplético, rugia; o próprio Patriarca escutava por detrás dum canteiro de buxo; chilreavam beijos; riam os sátiros de pedra debruçados sobre os grandes bancos dos jardins; e enquanto, o soluço diabólico das modinhas brasileiras acordava as sombras palpitantes de Queluz, – a Rainha doida gritava, berrava fechada no oratório, cheia de visões e de pavores do inferno:

– Ai Jesus! Ai Jesus!

Castro Soromenho

A morte da “chota”

Castro Soromenho (1910-1968). Fernando Monteiro de Castro Soromenho nasceu em Chinde, Moçambique, e foi jornalista, romancista, contista e etnólogo. Viveu em Angola, onde foi agente da Companhia dos Diamantes, funcionário da administração colonial e redactor do *Diário de Luanda*. Veio para Lisboa em 1937, continuando a trabalhar como jornalista – em 1949 entrou para o *Diário Popular*, onde foi chefe de redacção. Criticou o colonialismo português, acabando por se incompatibilizar com o regime e sendo condenado ao exílio, depois da apreensão de algumas das suas obras pela polícia política. Viveu em Paris, depois nos Estados Unidos, onde foi professor na Universidade do Wisconsin e depois no Brasil, onde morreu, em S. Paulo. Foi, no seu tempo, um dos pouquíssimos cultores da literatura portuguesa de impressão africana e exemplo do que ela poderia ter sido. *Noite de Angústia* (1939), *Lendas Negras* (1939), *Sertanejos de Angola* (1943), *Terra Morta* (1949) e *Viragem* (1957) são algumas das suas obras. *A Morte da "Chota"*, o conto que incluímos nesta edição da *Ficções*, é retirado da colecção *Rajada e Outras Histórias* (1943).

O homem meteu a proa da canoa na boca dum esteiro, costas voltadas ao rio, e entrou pelo canavial, enterrando a longa vara, que serve de remo, no fundo lodoso. Com o barquito parado, largou a vara, levou as mãos à boca e delas fez porta-voz. Um grito cresceu por cima do canavial e ganhou a senzala, alcandorada numa colina, ao longe. O grito do canoeiro espantou as aves, que atravessaram o rio num voo ruidoso e se perderam entre as árvores do *muxito*, altas e esguias, com seus penachos verdes batidos pelo vento.

Um jacaré, quebrada a quietude das margens do rio, onde se quedara em lazeres pela voz do homem e o bater de asas, chapou-se na água, amedrontando uma lontra que deixara de cabriolar sobre a erva para olhar um bando de borboletas.

Um golpe de vento caíra sobre o rio, cavando-lhe as águas que galgaram, feitas ondas, as margens. Patos grasnaram ao longe, voando pelo caminho do vento.

O homem olhou para o céu, a carregar-se de negrura, com nuvens plúmbeas a marcharem, acastelando-se, sobre a planície que se desdobra, farta de capim amarelo, em lonjuras para além da colina, onde o povoado dos lundas se ergue como única sentinela na estepe.

– Vai ser forte – disse ele de si para si.

Firmou-se melhor na canoa e, com a cabeça lançada para trás, gritou com mais força.

Depois do seu chamado se perder no eco, chegou-lhe aos ouvidos um rumor de voz longínqua. O canoeiro empunhou a vara e, com um movimento brusco, meteu o barco pelo canal, a caminho de terra. De instante em instante, foi soltando gritos agudos, a indicar ao companheiroi que vinha ao seu chamado, o lugar para onde se devia dirigir. Quando ganhou terra nua e firme e viu aproximar-se o companheiro, soltou uma praga.

– Ninguém ouviu. O vento está contrário – justificou-se o homem que chegara, mal humorado por ter deixado o calor da fogueira da cubata.

Logo que acabaram de tirar a carga do barco, uns atados de paus de mandioca e um cesto com peixe, uma nuvem rebentou sobre as suas cabeçase o céu abriu-se, riscado por uma faísca, começando a chover violentamente. Os dois homens entreolharam-se durante um segundo, e, em silêncio, amarraram o barquito a uma árvore e puseram as cargas às costas. E quando se meteram, a passo estugado, a caminho da aldeia, relâmpagos zebavam o céu e o trovão ribombava.

– Vamos, vamos! – gritou o canoeiro Caluige, tomando a dianteira.

Mas um minuto depois já o companheiro desaparecia à sua frente, que ele era um homem da terra e, por isso, seus pés conheciam melhor o caminho.

Quando o canoeiro chegou à senzala, vergado sob o fardo, as pernas doridas da marcha forçada, não viu ninguém. Deixou a carga dentro da *chota* e dirigiu-se para a cubata, onde a mulher o esperava, acocorada junto ao braseiro.

– A mandioca ficou na *chota* – disse ele, agachando-se em frente da companheira.

Ela não concordou que ele tivesse deixado a mandioca fora de casa, onde a chuva a estragaria, mas nada lhe disse. Além disso, a mulher há muito tempo que deixara de se referir à *chota*.

– Logo vai buscá-la – recomendou ele, estendendo as mãos sobre as chamas.

A mulher baixou os olhos e não disse palavra; mas ficou furiosa, porque ele, por tudo e por nada, se referia, olhando-a insistentemente nos olhos, à *chota*. Fora ali, na "casa do povo", que o canoeiro ganhara aquela mulher, tirada ao lar porque o seu companheiro vendera o filho do Caluige a uns quiocos que cruzaram aquelas terras numa época de fome, aproveitando-se da sua ausência, esperançado em reaver o rapaz antes do pai regressar do Cuilo, onde fora com larga demora. Mas a vida não lhe correu bem e, quando o canoeiro regressou, o caso foi levado à *chota*. O soba deu razão ao Caluige, que o caso era claro como água, e, como o ladrão não lhe pôde restituir o filho e não tinha nenhum parente, não teve outro jeito senão entregar-lhe a sua própria mulher. Alguns velhos, aferrados às leis da raça, lembraram ao soba que nunca se fizera tal coisa. Se o

ladrão não tinha parentes para entregar em paga do rapaz, que ficasse ele como escravo – alvitaram os velhos. Mas ter que entregar a sua mulher é que não era justo, porque ela não tinha o mesmo sangue para poder ser obrigada a sofrer, assim, por ele. Mas o soba não lhes deu ouvidos.

*

A terra ficou molhada durante três dias. E no céu, em todo esse tempo, não se viu uma mancha de luz. Tudo cinzento. De longe em longe, o trovão ribombava. E a chuva caía de mansinho.

O temporal que, nesses três dias, sacudira a aldeia, deixara aqueles restos, nada tranquilizadores para os seus habitantes, que aguardavam, a todo momento, a continuação da borrasca.

Os homens, encurralados nas cubatas, ainda tocados de medo e de espanto, não se afoitavam a pôr pé no terreiro, coberto de árvores derrubadas pelas faíscas e desgrenhadas pelo vento, porque haviam avistado a *chota*, que o vendaval amassara, por terra.

Os lundas, ao verem a *chota* desfeita, sentiram um baque no coração. O soba não quis sair da sua cubata, não tinha olhos para ver aquela desgraça. E o canoeiro Caluige ficou de boca aberta e os olhos arregalados de espanto e horror. Só a sua companheira encontrou no ódio que votava à *chota* uma alegria que lhe iluminou os olhos com uma luz ardente.

A tristeza não se despreza do povo. Nos homens só há recordações. Aquela *chota*, velha de muitos anos, fora erguida por mando de um soba, há muito tempo morto, que escreveu com os feitos da sua vida de guerreiro a legenda daquele povo lunda da estepe. Ali, num dia

que ficou marcado como o mais belo de toda a sua vida, ele sentenciou à morte um *ganga*, o feiticeiro assassino, que era seu próprio filho, transviado desde moço por mundos de magia, sujeitando o povo, durante um ror de anos, a desgraças sem conta.

Foi da fogueira daquela *chota* que esse soba memorável tirou o fogo com que incendiou os madeiros onde seu filho foi queimado vivo, enquanto o povo, ao som dos tambores, dançou um batuque com canções de ódio e gritos de vingança.

Agora, os lundas relembram, com o coração apertado de angústia, a vida da *chota* e a vida do povo que por ela passou com suas alegrias e amarguras. Dali saíram os homens para as grandes aventuras das guerras e das caçadas. Os vencidos, tocados a chicote pelo vencedor que os escravizou, ali depuseram suas vidas nas mãos do soba. Lundas ofendidos, ali foram pedir justiça ao chefe da tribo. Ali se condenaram homens de todas as condições sociais, à morte e à escravidão; e os inocentes, feridos de injustiças, encontraram a liberdade. Ao seu calor se acolheram os sobas e os homens velhos, para ditarem a lei do povo. À volta da sua fogueira, onde o fogo é sempre vivo, os homens discutiram os trabalhos da terra e a faina dos rios, as viagens e os negócios, as festas e o amor; contaram todas as histórias do sertão, e escutaram os visitantes, e viveram horas de embalo ao som dos *quissanges* e das canções magoadas do pampa lunda. Ali, o povo viveu toda a sua vida na evocação das suas alegrias e tristezas e sonhou belos e quiméricos futuros. No seu aconchego, os lundas confiaram no destino – porque a *chota* é o coração da senzala e a luz do povo.

*

O sol estendeu a sombra das árvores no chão do terreiro. E nesse dia, os homens deixaram as cubatas pela primeira vez depois do temporal. E foram-se dispersando pelo terreiro e à volta da aldeia, a verem os estragos que *Caçone*, o deus das tempestades, lhes mandara.

Ninguém pôs mão na *chota*. Todos evitavam deter-se à sua beira, como se fosse uma sepultura, guardada por *Camuari*, o deus dos mortos.

Mas o facto da *chota* se encontrar por terra prendia os homens à senzala. Ninguém se lembrou sequer de ir, numa corrida, espiar as lavras, lá em baixo, à beira do rio, onde o temporal decerto fizera estragos. Os homens não arredavam pé do terreiro e das cubatas. A aldeia estava sem *chota*. A tempestade ferira de morte o seu coração. E estava extinto o seu fogo – o fogo que sempre iluminou o chão circular, o “sagrado círculo” da mística gentílica, balizado por estacas que aguentavam o tecto cónico, encimado pelo *cassongo* – alta pinha decorada com estilizações de estrelas. A *chota*, com a sua base circular, o formato cónico e o *cassongo*, representa o sol e o céu. Mas a *chota*, além de ser a “casa do povo” e atender à concepção que o gentio tem do sol e do céu, é também um ser vivo... A *chota* é, também, o próprio soba. Ela tem uma alma... A *chota* é como que a alma do povo que se abriga à sua sombra. Por isso os lundas lhe dão, em certos casos, direito a funerais.

*

Naquele dia, ao entardecer, os lundas deixaram no regaço dum coval, o corpo da *chota*, e sobre ele construíram uma cabana para moradia da sua alma. E

ali ficou, à beirinha de um caminho público, que é o chão dado para o descanso eterno dos sobas, a *chota* desses lundas do descampado. E antes do povo abalar, de regresso à aldeia, para lhe fazer o batuque fúnebre, a festa dos mortos, o canoeiro Caluige enterrou em frente da sepultura um pau, onde esculpira a máscara do deus *Camuari*.

Caiu a noite ao som dos tambores. Sobem labaredas à volta do terreiro. Soltam-se das bocas crispadas de centenas de lundas canções de amargura. Só a mulher do canoeiro Caluige se surpreendeu com uma gargalhada a sacudir-lhe os lábios. E fugiu, de pavor, ao sentir um olhar ferir-lhe os olhos. Caluige viu-a, desaparecer na cubata, mas não lhe seguiu os passos. Entrou na roda do batuque e bailou e cantou toda a noite. De madrugada, entontecido pelo vinho da palmeira, que bebera sofregamente, deteve-se no meio do terreiro, enquanto se calavam os tambores. O povo recolheu aos seus tugúrios. E no silêncio que tombou sobre a senzala, o canoeiro *ouvin* a gargalhada da sua mulher. E bebeu mais vinho, mais, e mais, até a embriaguez lhe toldar por completo a razão.

Amanhecia. Os galos cantaram.

Nessa madrugada, o canoeiro Caluige parou com um golpe de catana o coração da sua mulher. Depois, meteu-se à estepe, perdeu-se nos seus longes azuis e ganhou os caminhos da aventura.

Cesare Pavese

O blusão de couro

Tradução de José Lima

Cesare Pavese (1908-1950) nasceu em Santo Stefano Belbo, uma pequena aldeia italiana, vivendo depois em Turim, onde estudou e se formou em letras. Tendo-se dedicado ao ensino, trabalhou também na editora Einaudi, da qual se viria a tornar o principal colaborador. Tornou-se conhecido pelas suas traduções, sobretudo de escritores americanos, e iniciou a sua actividade literária na revista *Cultura*, que viria a ser encerrada em 1935 pelo governo fascista. As suas ligações com antifascistas valeram-lhe uma condenação a três anos de detenção na Calábria.

A ficção de Pavese gira muitas vezes em torno de alguma coisa que se oculta, (e o conto que aqui se publica é disso um bom exemplo), encoberta por símbolos e palavras que só ganham sentido quando ligadas àquilo que não é dito. A ideia mítica da infância e a nostalgia das colinas e das gentes do Piemonte natal, servem de contraponto à sua solidão e ao sentido do vazio da existência, que, talvez associando-se também ao fracasso das suas relações amorosas, acabam por o conduzir ao suicídio em 1950, quando tinha apenas 42 anos.

Além de poesia (*Trabalhar Cansa*, 1936), escreveu vários romances, – *O Camarada* (1947), que recebeu o prémio Salento; *La bella estate* (1949) distinguido com o importante prémio Strega; *A Lua e as Fogueiras* (1950), considerado a sua melhor obra – e livros de contos, como *Férias de Agosto* (1946), de onde foi extraído o conto (*La giacheta di cuoio*, no original) publicado neste número de *Ficções*.

O meu pai deixa-me passar os dias na barraca do embarcadouro, porque assim me distraio e aprendo um ofício sem me dar conta. Agora a patroa é uma gorda, sempre a gritar, e mal toco num barco, vê-me, nem que seja da cave, e grita que o barco não é meu. Atrás da barraca ficam as mesas e as cadeiras para os clientes, mas esta patroa não quer que a ajudem, e se lhe levo algum pedido diz logo ao filho que leve ele os copos. Na barraca há já um bom bocado que não entro, e há mais tempo ainda que não subo lá acima a olhar a água e os barcos da janela de Ceresa. Já ninguém vem cá agora, e muito se engana o meu pai se julga que eu possa ainda aprender o ofício.

Esta madama Pina não sabe como se fazem as coisas: tratam os clientes como me tratam a mim. Não basta andar de blusão de couro para governar um embarcadouro; é preciso que as pessoas tenham vontade de aparecer e vejam na cara do patrão que ele gosta de

barcos e que é bom divertir-se. Ceresa sim, era homem para isso: parecia que brincava com toda a gente e estava mais nos barcos do que os próprios clientes. No tempo de Ceresa nunca faltavam os risos: ficava-se em calções na água, preparava-se o alcatrão, esvaziavam-se os barcos, e no tempo delas merendava-se com o balde de uvas em cima da mesa, debaixo da ramagem. As raparigas que andavam de barco paravam e diziam graças debaixo do telheiro, e havia uma que queria que Ceresa a levasse a subir o Pó. Ceresa dizia sempre que não podia abandonar o embarcadouro e o bar, e que viesse de manhã cedo antes do sol. Uma bela manhã aquela estúpida veio mesmo, e Ceresa então disse-lhe que se levantasse assim todos os dias que as dores de cabeça logo lhe passavam.

O blusão de couro, que agora a velha deita pelas costas quando chove, Ceresa trazia-o sempre vestido e lembro-me que, uma vez que estávamos no barco e veio um temporal, tirou-o e deu-mo para me tapar. Por baixo, andava sempre em tronco nu, e dizia-me que, se eu fizesse a vida do Pó, quando fosse grande teria os músculos como ele. Tinha bigodes e à força de andar ao sol, era loiro.

O ano passado, por causa de Nora, houve um que começou a aparecer. Nora antes era a criada que levava as bebidas aos clientes e à noite ia-se embora; depois, o ano passado, por mais tarde que eu fosse para casa, ela ficava ainda na barraca, e de manhã quando chegava via-a já a olhar pela janela. Não era uma mulher bonita; Ceresa nunca o disse, mas diziam-no os rapazes e os velhos que jogavam às bolas. Nora estava encostada à porta, a mão a segurar o cotovelo, e olhava para todos

sem dizer nada. A mim, uma vez em que estava sentado nas escadas à espera de Ceresa, disse-me: “Estúpido, vai para tua casa.” Mas outras vezes ria-se quando me sentava num barco com os pés na água, e se alguém pedia um remo ou uma almofada e Ceresa não estava, dizia-me para os ir buscar debaixo do telheiro.

A mim deu-me logo pena que Nora nunca mais saísse da barraca. Primeiro, quando me lembrava dela, também dizia: “É uma bonita rapariga” e não pensava mais nisso; mas se agora fazia companhia a Ceresa queria dizer que era mesmo alguma coisa de extraordinário, e dava-me pena porque não compreendia o que fosse.

Comíamos debaixo do telheiro, todos juntos; e eu ficava mais um bocado, para os ajudar se havia barcos que voltavam, para não terem de se levantar; e eles ficavam a conversar, diziam-me uma coisa ou outra de vez em quando, mas sobretudo piscavam o olho um ao outro e, se Nora ia à cozinha buscar algum prato, Ceresa ficava calado, a olhar para a porta. Entre eles falavam de modo diferente de quando falavam comigo; nem sequer Ceresa, que brincava com toda a gente, era o mesmo com ela, dizendo antes as coisas devagar, batendo a ponta dos dedos na mesa e olhando para cima, ou então abanava a aba do fecho do blusão como se fosse um leque, e Nora piscava os dois olhos e olhava para o fecho rindo-se.

Percebia-se que estavam juntos pela companhia e não para casar, pois Nora nunca punha um vestido daqueles de andar por casa, mas sim um vermelho, e um outro branco ainda mais bonito, e depois de ter lavado os pratos e varrido, ficava à porta ou vinha olhar

para a água como fazem as raparigas que apanham o barco. Quando Ceresa a chamava, ela vinha caminhando devagar e parecia sempre que não tinha nada para fazer. E pelo contrário o dia era comprido e havia muitíssimas coisas: servia à mesa, lavava as camisas e ainda arranjava tempo para fumar um cigarro.

Agora que Nora era a patroa, Ceresa dizia-me que um dia havíamos de voltar a pegar no barco, ele e eu, e havíamos de sair até à noite subindo o Pó para além da comporta. Nora não ia connosco no barco, dizia que a água cheirava mal, e quando partíamos com a rede e a cesta para pescar debaixo da ponte, olhava-nos da janela rindo-se. Para pescar, Ceresa ficava só com o blusão e os calções pretos muito apertados, e saltávamos para a água e púnhamos a cesta encostada às pedras e, enquanto eu aguentava o barco, Ceresa enxotava os peixes com as mãos. Sabia de um lago extraordinário do outro lado do dique de onde se voltava com a cesta cheia, e dizia sempre que havíamos de partir uma bela manhã para voltarmos à noite. Foram muitas as manhãs em que cheguei ao embarcadouro esperando que fosse dessa vez, mas surgia sempre alguma coisa para fazer, ou então Ceresa tinha de acabar alguma conversa com Nora, ou de calafetar um barco começado na noite anterior, e ficava adiado.

Acabei por ir sozinho ao outro lado do dique. Um dia em que Ceresa tinha que fazer em Turim, fiquei só com Nora que lavava as verduras num balde debaixo do telheiro. Nora tinha-me debaixo de olho, não dizia nada, e então aborreci-me. Disse-lhe que levava o barco e parti. Fiquei até ao meio-dia na água e voltei convencido de que nesse dia não veria Ceresa e que o

melhor era voltar para casa. Mas Ceresa voltara e ria-se da janela enfiando o blusão e chamou-me lá de cima. Dei um passo mas depois vi Nora à porta, que me olhava de través, e não tive coragem de entrar para subir. Disse-lhe: “Ceresa está a chamar”, e fui pôr o remo debaixo do telheiro. Nora olhou-me olhou-me, e depois subiu ela.

As manhãs eram o melhor momento, porque havia sempre mais a esperar do que à noite. À noite tinha de ir embora pois a seguir ao jantar Ceresa e Nora vestiam-se e saíam de braço dado: iam a Turim, ao cinema, a passear. O embarcadouro ficava vazio, fechavam o bar mal escurecia. Antes havia lá sempre alguém e Ceresa divertia-nos: nunca tinha frio, ficava em calções mesmo à noite. Dava-me raiva que Nora, que nunca apanhava sol e devia ser branca como a barriga de um peixe, o tratasse por tu e andassem os dois sempre de braço dado. Dava tudo para saber fazer conversa como eles.

– Vais ver que quando me casar – disse-me um dia Ceresa – será tudo como antes. – Eu tinha nas mãos o alcatrão para lhe passar e senti vontade de chorar. Não chorava e olhava para o barco, para que ele não se risse. Estava atento a que Nora não nos ouvisse da cozinha, e no entanto sabia muito bem que queria mesmo casar-se com ela.

– Eu não casava – disse baixinho. – Vais ver que, quando te casares, a Nora nunca mais põe o vestido vermelho e começais a discutir.

– O que é que disseste ao Zucca ontem quando estavas a jogar às bolas com ele?

Ceresa sabia sempre tudo. Mas era o Zucca, aquele da papeira, que ao falar com outro tinha dito que Nora

era uma mula e que Ceresa não devia casar com ela. Eu apenas o tinha ouvido quando levava os copos.

– Tu és um rapaz – disse Ceresa – não debes pôr-te com a conversa dos crescidos. Se Nora te disser alguma coisa, diz-mo a mim.

Mas Nora nunca me dizia nada de importante. Às vezes mandava-me embora. Quando andava a trabalhar com Ceresa à volta de um barco, ela da porta olhava-nos com uma cara de patroa, e eu não percebia se era para mim ou para Ceresa que ela olhava assim. Agora só estava à espera de que ele voltasse ao assunto, para lhe dizer que Nora era uma mulher má.

Poucos dias depois daquilo com o Zucca, eu estava no barco à espera de que Ceresa descesse, mas ele não aparecia. Tinha subido por instantes para ir buscar cigarros, e eu da água via a janela aberta, mas como estava um belo tempo sereno podiam vir clientes que me levassem Ceresa dali, e não via a hora de ele descer. Estava uma tarde de calor, e não se ouvia sequer o rumor da água contra os barcos. Depois entrevejo as costas de Ceresa à janela e ouço-o a falar para dentro do quarto sem se voltar para me dizer alguma coisa. Então olho para o sol, depois fecho os olhos e esfrego-os, e vejo muitas manchas vermelhas e verdes que me incomodam. Esperei não sei quanto tempo, e às tantas vejo Ceresa debaixo do telheiro a acender um cigarro e perguntando-me o que fazíamos. Mostrei-lhe o remo e Ceresa fez um gesto como que a dizer que pouco lhe importava, mas saltou para o barco. Deixou-se levar por mim até à ponte, sentado sem dizer nada. Depois saltou para a água e pescámos, e de vez em quando dizia alguma coisa sobre os peixes, mas não parava de fumar e de se endireitar a

olhar para a água. Falei-lhe na lancha a motor e discutimos se andaria a gasolina, mas ele não troçou de mim como era costume, e atirava os peixes pequenos contra o fundo do barco dizendo: “Morrei também”.

Nessa noite passou o Zucca com o barco grande e disse: “Ei lá”. “Tu sim, é que és esperto” – disse eu despejando a água por cima dos peixes, e Ceresa olha para ele, depois olha para mim a rir-se, põe-me a mão na cabeça e faz-me uma festa.

No entanto não tinha discutido com Nora. As mulheres gostam de armar estrilho ou pelo menos de chorar; as mulheres são diferentes de nós. Mas com Nora ficava-se calado; aposto que também a ele Nora dizia às vezes como a mim: “Como és estúpido. Põe-te a andar”, e então Ceresa não podia fazer mais nada senão torcer-lhe o pulso até lho partir. Houve só uma vez em que na presença de dois clientes ele lhe disse para coser uma almofada rota de um dos barcos, e Nora pegou na almofada e atirou-a à água. Depois fechou-se lá em cima e não queria abrir-lhe a porta. Eu pus-me a servir às mesas atrás da barraca, onde ninguém tinha dado por nada. Ceresa não me falou durante todo o dia e ficou debaixo do telheiro a limar uma cavilha e dava ele mesmo ao fole da forja e agarrava nos carvões e atirava-os com as mãos ao Pó ainda crepitantes.

No dia seguinte bato com o nariz na porta. Chamo; não está ninguém. Então vou-me embora porque não queria encontrar-me com os clientes e ter de lhes dizer que Ceresa tinha discutido com Nora. O embarcadouro ficou morto durante dois dias; depois uma bela manhã andava eu por acaso na margem e vejo movimento entre os barcos. Ceresa tinha voltado; Nora tinha voltado,

estava à janela e mudava de blusa. Ceresa embarcava nesse momento duas raparigas, daquelas que se despem debaixo do telheiro, a dizer coisas estúpidas aos gritos. Ceresa ria-se e segurava o barco.

À noite foi uma festa porque Nora tinha voltado. Vieram aos cinco e seis, barqueiros e clientes – o Zucca, Damiano, os do costume – mas pareciam mais alegres e ficaram até à meia-noite discorrendo e gracejando. Diziam todos que Nora devia tomar banho, e diziam que no dia seguinte ia comprar um fato de banho e ia servir em camisola os jogadores de bolas. Depois apareceu a lua e o terreiro estava claro como ao meio-dia; então Damiano trouxe o vinho e puseram-se a jogar. Eu estava a cair de sono mas não queria ir embora; foi Nora que se lembrou e me disse: “Em tua casa não te querem?” e eu voltei então para casa.

A partir desse dia Nora tornou-se mais alegre, mas com Ceresa tinha sempre resposta pronta, e Ceresa ria-se com isso e encolhia os ombros. Às vezes era eu que me envergonhava por ele, quando aquela bruxa dizia tolices na presença dos outros. Tinha comprado um fato de banho, um fato de banho vermelho como o vestido, e punha-o ao meio-dia para apanhar sol enquanto ia e vinha diante do telheiro, e ficava com ele mesmo depois, até que Ceresa a agarrava por um braço e a fitava com um olhar furioso. Nora tinha uma pele que parecia manteiga branca, mas nunca tomava banho no Pó. Quando aparecia Damiano ou o filho do Zucca ou soldados, ficava a rit-se com eles e a mostrar-se. Não percebo o que é que as pessoas vêem nas mulheres. “Vais ver – disse-me uma vez Ceresa – que também tu hás-de gostar delas.” Mas até agora nunca me aconteceu.

Depois Ceresa discutiu com Damiano. Discutiu um dia em que eu não estava, e ouvi falar nisso no bar no dia a seguir. Tinham andado à pancada e tinham gritado tanto que os ouviam os guarda-freios na outra margem. Dessa vez olhei disfarçadamente para a cara de Nora, a ver se também ela estava zangada; mas mais do que zangada parecia assustada. Ceresa pelo contrário não disse nada e foi pescar comigo e nesse dia não havia nem um peixe a recompensá-lo, e ele de raiva pegou na cesta e atirou-a contra o pilar. Depois estendeu-se no fundo do barco e disse-me que o levasse para casa.

Desde então, se não fosse ele a dizer-me que havia alguma coisa para fazer, era de má vontade que eu vinha ao embarcadouro. Havia dias que ficávamos debaixo do telheiro sem dizer nada e Nora não se via. Mas ainda era pior quando Nora girava pela cozinha a servir os clientes, porque então estava sempre à espera de que ela dissesse alguma coisa. Depois uma vez procuro o meu bote – um que eu tinha feito no banco debaixo do telheiro quando Ceresa me deixava trabalhar – e não o encontro. Ceresa estava sentado no chão encostado à estaca e pergunto-lhe onde estava o bote; ele diz-me que não sabe. Corro então para a cozinha e pergunto a Nora e ouço-a dizer muito calma que o tinha queimado na lareira.

Ceresa perguntou-me nesse dia porque não aprendia um ofício. “Mas quero ser barqueiro” – respondo. “És maluco – diz ele. – Não vês que é um ofício condenado? Diz ao teu pai que te meta na fábrica, diz-lhe isso. Devias mas era ir para soldado”. Fez-me pena, não por mim que não era nada, mas por ele que já não gostava do Pó. Queria dizer-lhe que se casasse com Nora, e assim

já a podia dominar melhor, mas não sei se me teria respondido. Vesti de novo as calças e voltei para casa.

Nora percebeu que tinha abusado, porque no dia seguinte chamou-me para a cozinha e pôs-se a puxar-me pela língua. Perguntou-me se gostava muito de ser barqueiro e se não tinha medo de me afogar. Eu respondi-lhe que me agradava porque era o ofício de Ceresa. Depois perguntou-me se era capaz de a levar no barco. “Vamos perguntar a Ceresa se nos deixa ir ver o dique. Se amanhã estiver bom tempo, vamos.”

No dia seguinte pôs-se em fato de banho e pediu a Ceresa que lhe emprestasse o blusão. Pegámos no cestinho da merenda e ela sentou-se nas almofadas; Ceresa viu-nos partir rindo-se. Assim que passámos a ponte, comecei a dar grandes remadas, e Nora perguntou-me se era longe. Expliquei-lhe como se fazia para apoiar o remo, e ela experimentou: veio para o meu lado e por pouco não caíamos à água; as mulheres são todas iguais. Voltou a sentar-se e perguntou-me se eu sabia nadar fora de pé. Sabia que junto do dique não se podia nadar e disse-me que parasse na foz do Sangone onde a água era tranquila.

Prendi o barco em terra e, enquanto ela me olhava dei um belo mergulho. Depois nadei no Sangone e gritei-lhe que a água era mais fria do que no Pó. Quando cheguei junto do barco e ia a agarrá-lo, vi aparecer na margem Damiano e um soldado. Eram amigos, mas o soldado nunca o tinha visto. Vieram então até junto do barco e começaram a conversar com Nora. Eu cumprimentei Damiano, mas sem lhe dar confiança. Subi sozinho para o barco e sentei-me.

Damiano dava-me raiva, porque sabia que remava

melhor do que eu e, se Nora lhe dissesse que nos levasse até ao dique, eu fazia uma figura de parvo. Mas Damiano e o soldado sentaram-se na margem e começaram a brincar. Nora respondia, e passado algum tempo saltou também para terra e disse que queria passear. O soldado pôs-lhe a mão no fecho do blusão e disse a rir-se: “É preciso apanhar ar”. Era napolitano.

Fiquei sozinho no barco e pensava que, se Ceresa viesse a sabê-lo, ia ser o fim do mundo, e então voltei para a água para que quem passasse não percebesse que o barco era de Ceresa. Nora voltou já de noite e disse-me que não devíamos dizer a Ceresa que tínhamos visto Damiano. Isso sabia eu.

Mas no dia seguinte tentou de novo que a levasse – desta vez até aos Moinhos – e deu-me para não aparecer no embarcadouro, porque entre Ceresa que insistia e ela que me olhava como fazem as mulheres quando estão zangadas, eu não podia dizer que não. Apareci pelo fim da tarde e vi que já tinha vestido a saia, mas, em vez da camisola, tinha ainda o blusão de couro. Via-se que agora trazia o fato de banho por baixo da saia. Olhou-me carrancuda, mas eu fiquei junto de Ceresa.

Eram bonitas as manhãs de Setembro, quando havia névoa no Pó e ficávamos à espera que o sol aos poucos a fosse rompendo. Agora havia sempre alguma coisa que fazer na forja ou com o alcatrão, e Nora não se via tão cedo pois ia ao mercado. Ceresa falava menos do que antes, mas gostava de estar ao pé dele porque percebia que andava alheado e me deixava fazer os disparates que quisesse debaixo do telheiro. De vez em quando dizia alguma coisa, e eu fazia-lhe assim companhia.

Chegou finalmente o tempo das uvas, e uma tarde colhemo-las das videiras que cobriam o bar e fizemos a merenda com o balde. Também estava Nora e comemos entre risos, nós os três. Nora dizia que era preciso estar atento porque de noite roubavam as uvas. Depois para nos mostrar onde os ladrões as podiam esconder, abriu o fecho do blusão. Entrevi que por baixo estava nua, uma coisa branca e salpicada; não tinha o fato de banho. Fechou-o logo.

Enquanto merendávamos, havia dois soldados a beber cerveja a uma mesa, e um deles parecia-me mesmo aquele amigo de Damiano que tinha estado na brincadeira com Nora. Mas quem o pode dizer? Parecem-se todos. Nora não tinha parado ao levar-lhe a cerveja.

Mas uma hora depois voltei a vê-los ainda ali, a rir-se e à conversa com Nora. Ceresa tinha entrado em casa. Vi Nora inclinar-se para a mesa, e o soldado a estender a mão como no outro dia, mas desta vez puxou o fecho para baixo, e Nora inclinada ria-se também. Só me voltei quando senti que Ceresa estava à porta. Chamou-me e não disse nada.

Um momento depois vi-me sozinho no terreiro das bolas, as mesas estavam vazias, e Nora e Ceresa estavam em casa. Fiquei a ouvir se gritavam mas nada se movia. Tinha só medo que chegasse algum cliente ou voltasse algum barco e tivesse de chamar Ceresa. Entre as plantas estava sereno e caía a noite; estava com frio. Para lá das plantas ouvia os pássaros que voavam baixo. No talude não passava nem um automóvel. Pareciam todos mortos.

Senti vergonha, medo, não sei. Pensava ainda naquele branco de Nora. Parecia-me que tudo gritava

e que ouvia chamar por mim. Depois a janela abriu-se e Ceresa assomou e disse: “Pino, desanda para casa”. E fechou logo a seguir.

No dia seguinte voltei com o coração na garganta. Passei no talude sem descer; o embarcadouro estava tranquilo no meio da vegetação. Não havia ninguém. De qualquer maneira tinha de fazer um recado ao Dazio. Mas depois do almoço decidi-me: Ceresa tinha de saber que eu não tinha culpa. Vejo um grupo de barcos que iam e vinham diante do embarcadouro; vejo dois à paisana parados junto a um automóvel na embocadura do carreiro. Compreendo que não se pode passar, e então vou à volta pelo prado. Debaixo do telheiro andam todos num vaivém mas Ceresa não está. Encontro então o filho do Zucca que me diz que Ceresa estrangulou Nora e a atirou ao Pó.

Queria vê-lo e contar-lhe aquele dia do Sangone, mas mandaram-nos dispersar a todos que ali estávamos e quando ele saiu apenas ouvi o barulho do automóvel. Depois o meu pai disse-me que quanto menos falasse nisso melhor era, para mim e para todos.

Hannes Pétursson

O homem da tenda

Tradução do castelhano de Luísa Costa Gomes

Revisão de Gudbergur Bergsson

Hannes Pétursson nasceu no Norte da Islândia, em 1931. Estudou Literatura Islandesa na Universidade em Reiquiavique e mais tarde Germânicas na Alemanha, em Heidelberg e Colónia. Trabalhou em editoras nos anos sessenta e setenta, publicando obras sobre a história da região de Skagafjordur. Hannes Pétursson é conhecido como poeta, tendo publicado o seu primeiro livro em 1955. De então para cá, publicou várias colecções de poemas, de contos, de ensaios e de biografias. É também tradutor, tendo vertido para o Islandês *A Metamorfose* de Kafka. *O Homem da Tenda* é retirado de os *Contos do Norte*, de 1961, incluído numa antologia publicada em Espanha, *Cien Años de Cuentos Nordicos*. Esta versão portuguesa é traduzida do castelhano e revista por Gudbergur Bergsson, escritor islandês que residiu muitos anos em Espanha e tradutor de alguns textos portugueses para Islandês.

Indo pelo planalto deserto para leste durante o Verão, *pareciam* onze cavalos brancos parados ao lado uns dos outros na colina de rocha, bastante antes de lá chegar. Mas ao aproximarmo-nos, via-se que eram as tendas de campanha dos caminheiros.

As camionetas de carreira que vinham do sul cruzavam o planalto ao entardecer, enfiando-se na estrada estreita, verme retorcido que um rápido riacho dividia a cada estrangulamento. Então, os portos da montanha para oeste e as encostas defronte tinham a pele bronzeada do entardecer, enquanto no barranco por onde seguia a estrada havia uma luz cinza chumbo, também nas tendas.

Mesmo antes de chegar às tendas, os passageiros viam uns homens em mangas de camisa, que se lavavam no rio pedregoso. E quando as camionetas passavam junto ao telheiro, já costa abaixo, travavam um pouco a marcha porque era ali que estavam os miúdos,

acabados de lavar e com o cabelo encharcado, esperando para apanhar os jornais que os passageiros já tinham folheado o caminho todo desde o princípio da linha e que agora lhes atiravam.

Diante de cada tenda havia um homem ou vários, olhando as camionetas, embora alguns se contentassem em pôr a cabeça de fora pela abertura da tenda. E à porta do telheiro estavam as mulheres, de avental na barriga, ladeadas por dois – às vezes três – desses homens sempre agarrados às saias delas e que se tinham oferecido para as ajudar a lavar a loiça.

As camionetas nunca paravam; os condutores abrandavam o tempo estritamente necessário para acenar com a mão; e voltavam-se logo para a estrada nova, aceleravam e os passageiros paravam as sacudidelas e diziam: “Que bom, já estamos na estrada nova” e divertiam-se, porque iam a descer a costa e só faltava uma hora de viagem até à paragem.

Mas, embora os passageiros pusessem as cabeças fora das janelas e dessem toda a atenção ao que se abria aos olhos ao redor das tendas, não viam evidentemente mais pessoas que as que estavam ali fora, para se lavarem no rio ou seguir a passagem das camionetas. Por exemplo, nunca viam Gudmundur Stefánsson, porque logo a seguir ao trabalho lavava-se, mudava de roupa e ia ao telheiro comer. Quase não participava nas discussões durante a refeição e nunca ficava muito tempo sentado depois do café, mas ia logo para a tenda. Era o único homem do grupo que tinha tenda individual; era um privilégio antigo, porque trabalhava como jornalista há mais verões que todos os outros no planalto, fora o capataz.

Quando Gudmundur voltava para a tenda acendia o fogareiro de petróleo para a aquecer e passava pelas brasas, uns dez minutos. Quando acordava, olhava para o relógio de bolso e via que eram só sete e meia; então, agachava-se na caixa pintada de azul, atrás da cama; ali tinha uma garrafa com uma pinguinha de aguardente com que molhava os lábios ao fim de semana quando não ia a casa, como era hábito, porque há tempos deixara a granja e sua mulher debaixo da erva verde, e não tinha razões para abrir caminho até casa ver os filhos todos os fins de semana. Não se concedia nem uma gota durante a semana, mas pegava num dos livros que levava consigo na Primavera, deitava-se de costas na cama – na tenda estava-se muito quentinho – punha os óculos e começava a ler. Com um ouvido, escutava o murmúrio do rio.

Normalmente, avançara poucas páginas no livro quando se ouviam as camionetas ao longe, e como vinham avançando, cada vez mais perto, e subiam com dificuldade a costa mesmo a oeste da tenda. Então inundava-lhe o espírito, como de costume, um ligeiro mal-estar; despertava-lhe no peito uma sensação estranhamente doce e dolorosa ao mesmo tempo, porque ele nunca na vida fizera uma viagem, nunca fora à capital e provavelmente nunca iria, embora nesse tempo as pessoas lá chegassem num só dia e as camionetas ainda essa manhã lá tivessem estado.

Mas ele continuava a ler. No entanto, podia acontecer levantar os olhos e pôr-se à escuta, às vezes até deixava cair o livro sobre o peito e olhava fixamente em frente quando ouvia que as camionetas tinham chegado às tendas. Mas aceleravam e afastavam-se mais

e mais até que o som dos motores morria a leste no planalto deserto.

Quando voltava a ouvir o calmo murmúrio do rio, levantava devagar o livro do peito e continuava a ler.

Fernando Sorrentino

*Existe um homem que tem o costume
de me dar com um guarda-chuva
na cabeça*

Tradução de Fernando Venâncio

Fernando Sorrentino nasceu em Buenos Aires em 1942, onde vive, repartindo as suas actividades entre o ensino e a literatura. A sua escrita abrange vários géneros: desde uma novela satírica, *Sanitarios centenarios* (1979); dois livros de entrevistas: *Siete conversaciones con Jorge Luis Borges* (1974) e *Siete conversaciones con Adolfo Bioy Casares* (1992); livros para crianças e adolescentes, como *Cuentos del mentiroso*, 1978; *Aventuras del capitán Bancalari*, 1999, e outros; até vários ensaios filológicos e literários em revistas culturais e no diário *La Nación* de Buenos Aires. Mas é sobretudo no conto que se tem destacado, tendo já publicados vários livros neste género, de que destacamos: *La regresión zoológica* (1969), *El mejor de los mundos posibles* (1976), *En defensa propia* (1982), *El rigor de las desdichas* (1994), *La Corrección de los corderos, y otros cuentos improbables* (2002). O conto aqui publicado faz parte de *Imperios y servidumbres*, publicado em 1972 (Ed. Seix Barral, Barcelona).

Existe um homem que tem o costume de me dar com um guarda-chuva na cabeça. Faz hoje exactamente cinco anos que começou a dar-me com o guarda-chuva na cabeça. Nos primeiros tempos não conseguia suportá-lo; agora estou habituado.

Não sei como se chama. Sei que é um homem vulgar, de fato cinzento, alguns cabelos brancos, um rosto vago. Conheci-o há cinco anos, numa manhã de calor. Eu estava a ler o jornal, à sombra de uma árvore, sentado num banco da mata de Palermo. De repente senti que qualquer coisa me tocava na cabeça. Era este mesmo homem que, agora, enquanto estou a escrever, continua mecânica e indiferentemente a dar-me guardachuvadas.

Naquele momento virei-me cheio de indignação: ele continuou a aplicar-me pancadas. Perguntei-lhe se estava doido: nem pareceu sequer ouvir-me. Então ameacei-o de ir chamar um guarda: imperturbável e

sereno, prosseguiu a sua tarefa. Depois de uns instantes de indecisão, e vendo que ele não desistia da sua atitude, pus-me de pé e preguei-lhe um soco na cara. O homem, exalando um ténue gemido, caiu no chão. De imediato, e fazendo, ao que parecia, um grande esforço, levantou-se e voltou silenciosamente a dar-me com o guarda-chuva na cabeça. O nariz sangrava-lhe, e nesse momento tive pena do homem e senti remorsos de tê-lo agredido daquela maneira.

Porque, de facto, o homem não me pregava propriamente guardachuvadas; eram antes leves pancadas o que me aplicava, absolutamente indolores. É claro que tais pancadas são tremendamente incómodas. Todos sabemos que, quando uma mosca nos pousa na testa, não sentimos dor nenhuma: sentimos desconforto. Ora bem, aquele guarda-chuva era uma gigantesca mosca que, a intervalos regulares, pousava, uma vez e outra, na minha cabeça.

Convencido de que me achava perante um louco, resolvi afastar-me. Mas o homem seguiu-me em silêncio, sem parar de me bater. Desatei então a correr (aqui devo salientar que há poucas pessoas tão rápidas como eu). Ele lançou-se em minha perseguição, procurando em vão assestar-me uma pancada. E o homem ofegava, ofegava, ofegava, e arquejava tanto que pensei que, se continuasse a obrigá-lo a correr assim, o meu torturador cairia morto ali mesmo.

Por isso deixei a correria e retomei o passo. Olhei-o. No seu rosto não havia nem gratidão nem censura. Só me dava com o guarda-chuva na cabeça. Pensei em apresentar-me na esquadra, dizer: “Senhor comandante, este homem está a dar-me com um guarda-chuva na

cabeça”. Seria um caso sem precedentes. O comandante olhar-me-ia desconfiado, começaria a fazer-me perguntas embaraçosas, talvez acabasse por prender-me.

Achei melhor voltar para casa. Meti-me no autocarro 67. Ele, sem deixar de dar-me pancadas, subiu atrás de mim. Sentei-me no primeiro banco.

Ele postou-se, de pé, a meu lado: com a mão esquerda segurava-se à pega de couro; com a direita brandia implacável o guarda-chuva. Os passageiros começaram por trocar tímidos sorrisos. O condutor pôs-se a observar-nos pelo espelho. Pouco a pouco avolumou-se uma grande gargalhada, uma gargalhada estrondosa, interminável.

Eu, com a vergonha, corei que nem um pimento. O meu perseguidor, alheio aos risos, continuou com as pancadas.

Desci – descemos – na ponte do Pacífico. Seguíamos pela avenida Santa Fé. Todos se voltavam estupidamente para nos olhar. Pensei em dizer-lhes: “Que é que estão a olhar, imbecis? Nunca viram um homem a bater na cabeça de outro com um guarda-chuva?”. Mas também pensei que nunca teriam visto tal espectáculo. Cinco ou seis miúdos puseram-se a seguir-nos, gritando como energúmenos.

Mas eu tinha um plano. Chegado a casa, decidi fechar-lhe bruscamente a porta nas ventas. Não consegui: ele, com mão firme, antecipou-se, agarrou a maçaneta, deu um empurrão e entrou comigo.

Desde então, continua a dar-me pancadas com o guarda-chuva na cabeça. Que eu saiba, jamais dormiu nem comeu nada. Limita-se simplesmente a bater-me. Acompanha-me em todos os meus actos, até nos mais

íntimos. Lembro-me de que, a princípio, as pancadas me impediam de conciliar o sono; agora, creio que, sem elas, ser-me-ia impossível dormir.

Todavia, as nossas relações nem sempre foram as melhores. Muitas vezes lhe pedi, em todos os tons possíveis, que me explicasse o seu comportamento. Foi inútil: silenciosamente continuava a bater-me com o guarda-chuva na cabeça. Em muitas ocasiões lhe preguei murros, pontapés e – Deus me perdoe – até guarda-chuvadas. Ele aceitava as pancadas com mansidão, aceitava-as como fazendo também parte da sua tarefa. E este é exactamente o lado mais alucinante da sua personalidade: essa espécie de tranquila convicção no seu trabalho, essa carência de ódio. Enfim, essa certeza de estar a cumprir uma missão secreta e superior.

Pese embora a sua ausência de necessidades fisiológicas, sei que, quando lhe bato, sente dor, sei que é frágil, sei que é mortal. Sei também que um tiro me livraria dele. O que ignoro é se o tiro irá matá-lo a ele ou matar-me a mim. Também não sei se, quando estivermos ambos mortos, não continuará a dar-me com o guarda-chuva na cabeça. Seja como for, este raciocínio é inútil: reconheço que não me atreveria nem a matá-lo nem a matar-me.

Por outro lado, nos últimos tempos compreendi que não poderia viver sem as suas pancadas. Agora, cada vez com mais frequência, atormenta-me certo pressentimento. Uma nova angústia me corrói o peito: a angústia de pensar que, quando ele me fizer talvez mais falta, se irá embora, e eu não mais sentirei as suaves guardachuvadas que me faziam dormir tão profundamente.

Robert Coover

Começos

Tradução de Luísa Costa Gomes

Robert Coover nasceu em 1932, em Charles City, no Iowa. Formou-se na Universidade de Indiana em 1955 e alistou-se na Marinha. Em 1965 terminou o Master of Arts na Universidade de Chicago e tem ensinado e feito residências como escritor numa série de universidades americanas. Desde 1980, fixou-se na universidade de Brown, em Providence, onde é Professor Adjunto de Literatura Inglesa. Desde 1990 que Robert Coover dirige *workshops* de experiências com Hipertexto e Escrita Electrónica, orientando presentemente o projecto CAVE (*Creative Writing Workshop*) que reúne ficcionistas, poetas, designers gráficos, engenheiros de som, de modo a explorar as potencialidades do texto, som e movimento narrativo num ambiente de realidade virtual a três dimensões. Ligado desde sempre à metaficção e ao experimentalismo, Coover é um dos escritores contemporâneos mais talentosos e originais. O seu primeiro romance, *The Origin of the Brunists*, ganhou o prémio William Faulkner em 1966. Romances traduzidos, entre outros: *O que Aconteceu a Gloomy Gus dos Chicago Bears*, *Uma Noite no Cinema* (contos, trad. 1990); *Rosa Brava*, trad. 1998, *The Universal Baseball Association* e *Spanking the Maid*. As colecções de contos incluem *Pricksongs and Descants* (1969), *In Bed One Night and Other Brief Encounters* (1983) – de onde é extraído o conto *Beginnings* – e *A Night at the Movies* (1987). (ver Entrevista com Robert Coover em www.ficcoes.net)

Para poder começar, foi viver sozinho para uma ilha e matou-se a tiro. O seu sangue, incapaz de resistir a esta última piada, salpicou a parede da cabana num padrão que dizia: É importante começar quando já está tudo acabado.

A máxima, publicada na parede da cabana entre um calendário fora de prazo e um cartaz com várias espécies de peixe de rio ter-lhe-ia agradado. Uma vez tinha começado uma história sobre a ressurreição de Lázaro em que Jesus, depois de mandar que arrastassem o morto do sepulcro e o desenfaixassem, parecia que nunca mais apanhava o jeito à ressurreição. Era um fedor, os Judeus apinhados ali à volta já estavam a ficar enjoados e Jesus, a transpirar, dizia: Eh, eh, aguentem mais um bocadinho, minha gente! Isto é um instantinho! O começo é que é difícil, depois é sempre a andar!

Portanto, esse era o problema dele: começar. E, tendo começado: evitar resoluções. Assim, o sangue podia ter-

-lhe pregado partidas bem piores. A mensagem podia ter sido: todos os começos implicam um apocalipse. Talvez fosse isso mesmo que dizia, como é que ele ia saber? Puxando o gatilho, pensou: Está a resultar! Estou a avançar!

Era confortável, a cabana, espaçosa e a cheirar a limpo, com as paredes em pinho norueguês natural, a iluminação a petromax, um fogão de lenha, e uma mesa de pinho comprida para a qual comprara uma toalha de oleado aos quadradinhos amarelos, que dava para comer e escrever ao mesmo tempo. À frente havia uma baiazinha com um pequeno molhe para o barco. Estava sozinho na ilha, com uns quantos esquilos, rãs, ratos-almiscarados, uma ou outra doninha, pássaros, porcos-espinhos. A gente mais próxima estava aí a quilómetro e meio de barco.

Raramente precisava deles, embora os visitasse às vezes, quando a imaginação lhe faltava ou se acabava a manteiga de amendoim. Nestas alturas, contavam-lhe histórias, espantando-o com a sua capacidade destemida para o desenlace e voltava à sua ilha abalado, a pensar: sou o último homem vivo sobre a terra! Uma vez falaram-lhe de um homem que viera para uma das ilhas escrever, mas à chegada, matara-se a tiro. Pois, disse-lhes, fui eu e aí eles repararam que a cabeça se desfazia e que na parede havia a mensagem: Ainda não viram nada, amigos!

Uma vez escreveu uma história sobre um homem que nasceu com trinta e dois anos com um mecanismo de auto-destruição nas gónadas, tal que só lhe garantia um orgasmo antes de morrer. O homem viajou pelo mundo todo em busca do parceiro perfeito para a

experiência suprema e final, mas estragou tudo num sonho erótico num avião, por cima de Banguécoque. O fascinante da história não era nem as viagens nem o sonho, mas o peculiar aspecto físico de um homem que fora mantido tanto tempo no útero. Gostara bastante da história e ficou com ela mais tempo que com a maioria das outras, mas tivera de acabar por abandoná-la quando ouviu falar das seitas novas que se formavam a bordo dos aviões.

Bom, já começámos, dizia o sangue dele na parede. Nada mais importa. As pessoas que tinham vindo identificar o corpo juntavam-se, pasmadas, sem acreditar. É impossível, gritavam. A história não era verdadeira, era apenas uma lenda! Repararam que ele tinha deixado a cafeteira ao lume e que o café viera por fora. Apontaram e disseram: Aha! satisfazendo assim uma ânsia pelos motivos, mas não conseguiam esconder um certo desapontamento. Raparam daqui e dali e finalmente encontraram manteiga de amendoim para duas sanduíches, embora não houvesse pão. Pelo menos não viemos cá para nada, disseram.

De primitiva, a ilha não tinha nada. Tinha uma baía pouco funda para tomar banho, uma cabana para comer e dormir, uma casinha lá fora para cagar, uma cadeira para ler, mirtilos silvestres para o pequeno almoço, serras e machados para cortar a lenha, um barco para ir à cidade, e podia escrever em todo o lado. Se subsistia à base de manteiga de amendoim, a culpa era dele, porque até tinha um frigorífico a gás e fogão. Usava-os, no entanto, o menos possível, porque a sua provação principal era ir à cidade trocar as botijas de gás butano usadas por novas e arrastar sozinho a botija

cheia para o barco, e pela encosta íngreme acima até à cabana, e finalmente pô-la no lugar e acender o gás sem ir pelos ares.

Adorava o velho fogão a lenha. Quando a tempestade escurecia o lago, ou à noite, sentava-se horas diante dele, a olhar para as chamas, a aquecer-se, a fazer café, a fritar banquetes de peixe e batatas quando as tinha, imaginando uma vida livre de surtidas e tão imortal. O que lhe limitava o uso e lhe diminuía o gozo do fogão era a necessidade de cortar lenha. Descobriu que o fogão demorava tanto tempo a queimar a lenha como ele a cortá-la. Parecia entrever-se aqui um género de moral desagradável, e era essa – mais do que o trabalho duro que, dada a sua condição de engelhado pelo útero, até devia fazer de bom grado – que o levava a usar o fogão cada vez menos. Não fora a insónia e tê-lo-ia abandonado completamente. Nas noites más, olhava para as chamas, cada uma delas nova, violenta, única, e mais cedo ou mais tarde aquela variedade toda adormecia-o.

Uma ilha normal, portanto, com árvores normais e arbustos, insectos normais, pássaros e répteis, água normal de lago a marulhar, e no entanto, mesmo antes de puxar o gatilho, reconheceu que havia nela qualquer coisa de suspeito, como se pudesse ser, tal como o ar que respirava, só mais uma metáfora. Tantas ilhas até bem sólidas e habitáveis tinham dado em metáfora no passado, era uma espécie de poluição. Talvez devesse ter-se suicidado no barco a caminho da ilha, poupado ao mundo mais um epigrama sangrento e à ilha esta transgressão, esta erosão. Adão é que deu os nomes, porque ficou Eva com a culpa de tudo?

Porque estava ali à mão. Este foi o crime dela: afectuosa invasão da propriedade alheia. Queria companhia. Não podia deixar as coisas como estavam, tinha de aparecer para lhe sobrecarregar o vocabulário. Deve ter lá ido algures entre o puxar do gatilho e a perda do sangue e cérebro pela parede da cabana. Deu-lhe muitos nomes, mas nunca Eva, tendo como tinha, afinal, certa integridade. Que ditia em favor dela? Que o ajudou a arrastar as botijas de butano encosta acima. Mas também o ajudou a gastá-las mais depressa, contaminando-lhe os dias com história.

Mas estava-lhe grato, porque conseguiu deitar fora tudo o que escrevera antes de ela vir, e isto alterou o equilíbrio do combustível, permitindo mais fogos no fogão. Ela também era boa a descobrir mirtilos e a amanhoar o peixe, cortando-lhes a cabeça como a falsos começos. Mas confundiu-o ao insistir que ali chegara primeiro, ele é que era o recém-chegado à ilha, e levantou as saias para lhe mostrar a costela que faltava. Foi por esta altura que ele começou a suspeitar que ele, e não a ilha, é que era a metáfora. Começou uma história em que o narrador na primeira pessoa era a própria história, e ele apenas um dos personagens, morto antes do fim do primeiro parágrafo.

Deveu-lhe a costela e descobriu que era maior a benção de dar que de receber, embora nada disto se fizesse sem algum derramamento de sangue. Encontraram muita paz e prazer nesta partilha da costela, e chamaram-lhe foder. Ou seja, ele ainda estava a dar nomes às coisas. Talvez porque tivesse a ver com “sorte”: foder, pensaram, também era bom para isso, bom para as terminações nervosas em carne viva do umbigo dele.

Acho que isto é o começo de alguma coisa, disse ele, dando aos quadris. Embora nunca deixassem que lhes estorvasse as guerras, revelou-se útil sempre que começavam a repetir-se. Era quase um lugar, um sítio para onde ir quando a ilha e o trabalho dele se tornavam hostis e o magoavam, uma ilha dentro de uma ilha.

Não é de espantar, portanto, que lhe desse para inventar histórias em que o tempo tinha uma geografia, como uma ilha, o lugar se movia como os ponteiros de um relógio e o ponto de vista era uma espécie de pontuação. Atribuiu números e símbolos à morte, ao amor, às personagens, desenvolvimentos inesperados, transições, depois submeteu-os aos ritmos de numerologias. Inventou uma história com vários narradores, em que cada um citava o seguinte, o último citava o primeiro e contava a história que estava a ser contada. Começou outra, acrescentou notas de rodapé, subnotas às notas de rodapé, e assim por diante até à exaustão, que veio cedo: ainda tinha que aprender a moderar-se.

A mulher, sem dúvida como todas as mulheres, era sempre a mesma mulher e nunca a mesma mulher duas vezes. Às vezes estava grávida, às vezes não. Às vezes ensaboava-o quando tomavam banho na baía, e depois fodiam na água, ou na margem, debaixo das árvores, na cabana, lá fora no monte de lenha, menos vezes quando ela estava grávida. Fazia o que podia para esconder dele as crianças, com medo que as comesse. Às vezes distraía-se e ele comia-as mesmo. Depois tinha pena, porque sentia saudades delas e davam-lhe prisão de ventre durante uma semana. Na ocorrência, ela tratava dele, coçava-lhe a cabeça, dava-lhe clisteres, juncava o caminho para a casinha com pétalas de rosa.

Tinha de se andar pouco a pé para a casinha, pela floresta densa de pinheiros, choupos, vidoeiro e cornizo. Estritamente para alívio do espírito ou do intestino, já que por hábito faziam chichi onde quer que estivessem quando lhes dava vontade, excepto dentro da cabana. Às vezes, à noite, simplesmente da porta da frente para o luar, esperando não serem mordidos pelos mosquitos. Mas a esperança não servia de muito, porque eram mordidos na mesma. O que dava um acréscimo de determinação e de energia ao foder, é verdade, mas pouco melhorava a técnica. Era como o ferrão da consciência, ensinando-os a matar ou ser malditos para sempre.

As crianças eram menos escrupulosas com a higiene, donde resultava que a cabana cheirava muitas vezes pior que a casinha. Nesses dias, ele pegava no barco e ia para o lago pescar lúcio e perca, fingindo ser o Sustento da Casa. Mas não tinha grande sorte e detestava arrancar o anzol, por isso mais cedo ou mais tarde ia à cidade e comprava peixe na loja. A mulher ficava sempre espantada com a sorte que ele tinha a pescar filetes. É uma parábola, explicou ele, e apontou a arma à cabeça. Daqui a pouco já nem vou precisar da arma para nada, pensou, enquanto os miolos se espalhavam. É como tomar um catártico.

Às vezes pensava que essa seria a maneira de finalmente começar: com uma catarse. Mas, e se o problema era azia? Porque era verdade, escrever era um vício dele que tendia a separá-los. Percebeu que não escrevia nada de nada enquanto fodia e vice-versa. Podia ser ainda pior nos entretantos, quando não sabia bem qual das duas coisas estava a fazer, ou devia estar a

fazer. Comia melhor do que quando vivia só, dormia melhor, ela até começou a cortar a lenha e a trazer para cima as botijas de butano sozinha, tinha todo o tempo do mundo, e no entanto, escrevia, se possível, ainda menos. Punha-se a entornar cerveja, cinzas, manteiga de amendoim, petróleo, na máquina de escrever, e nem sequer reparava; agora que ela a trazia limpa, estava sempre a avariar. Quando uma ideia realmente o agarrava, ela chorava e acusava-o de se ir embora da ilha; ele pedia desculpa e levava-a a dar uma volta no barco, perguntando-se onde seria que estivera. Ela punha as fraldas às crianças nos clímaxes das histórias dele, no que lhe fazia um favor, mas também lhe tirava a fita da máquina de escrever para fazer o estendal da roupa e confundiu as notas que ele tirara para uma história com a lista da mercearia, quase os envenenando a todos.

E, no entanto, ela era indispensável. Quando ele se queixava do sofrimento do artista, incluía-lhe mais fruta na dieta, e na verdade ele sofria menos. Sozinho, costumava sentar-se à frente do fogão e escutar a quietude para além das chamas; agora havia a respiração dela. E a quem havia de ler alto? Percebeu que escrevera só para poder dormir à noite, mas ela conseguia purgar-lhe a culpa com uma simples massagem às costas, confirmando-lhe a suspeita de que a coisa não passava de uma cãibra na região lombar. Quando argumentava que afinal talvez precisasse da escrita para se manter acordado durante o dia, ela mandava as crianças para dentro, brincarem com ele. Começou uma paródia da parábola da caverna de Platão em que exaltava não as sombras, mas a generosidade da parede.

Também se tornou importante atrasar o clímax. Por isso meteu-se com espirais, revoluções, tempos verbais e com a teoria dos jogos. Havia trocadilhos que tornavam quase impossíveis os finais, como certos dispositivos preservativos grossíssimos. Começou uma história sobre um homem a quem uma fada boa concedeu um desejo e que lhe trocou logo as voltas atulhando o universo de fadas boas. Aplicou o paradoxo de Zenão a uma bala de suicídio e teve-a no ar a noite toda. Inventou uma história sobre Noé em que o velho começa por fazer a porta e a janela e depois não consegue perceber como há-de construir a arca à volta delas. Também Deus fica confuso com esta abordagem, mas demasiado orgulhoso da famosa onisciência para o admitir, fornece soluções dogmáticas que se revelam contraditórias em si mesmas. Seguem vários volumes de argumentos profundos, analisando o humor de Deus. Noé, entretanto, construiu uma cabine de capitão de navio, a que não faltava o oleado amarelo nem o petromax, mas Deus, irritado com a pretensão, transforma Noé numa coluna de manteiga de amendoim e depois convida os animais a entrar, inventando a Eucaristia. Já chega destes falsos começos, destas cabeças de peixe morto, pensou, levando os filhos à tarde para um mergulho na baía, e o dilúvio não virá nunca.

Era linda, a baiazinha, limpa e sossegada, fresca, com uma ou outra sanguessuga, como uma história com moral. Às vezes aparecia uma tartaruga, à procura dos velhos tempos. A mulher ajoelhava na rocha lisa na borda da baía como Psique, a lavar fraldas, como se lhe quisesse demonstrar como eram mal feitas as revisões dele. Em dias de sol, cardumes de peixinhos chegavam

como visitas da cidade, brancos e nervosos, e os pássaros desciam, em busca de aventura. Os filhos cirandavam por ali a chapinhar nas margens, brincavam na areia, trepavam para o barco, andavam atrás dos sapos, choravam quando as formigas subiam por eles acima, mijavam nos lírios do campo e para cima uns dos outros, comiam lama. De vez em quando, afogava-se um ou era levado pelos caranguejos e ele pensava: porque é que continuamos a fazê-los se eles nos vão abandonar? Estranhamente, nem a mulher nem os tomates dele puseram alguma vez a questão e ele sentia-se posto à margem. Pensou numa história policial, em que todas as vítimas e suspeitos são assassinados, e o detective, e todos os que vêm investigar os homicídios dos detectives que vieram antes. Mas era um realista intransigente, e sabia, ao subir para o molhe, que provavelmente havia de se atolar em pesquisa. Mergulhou, projectando uma obra em vários volumes sobre as coisas boas da mortalidade, a ser intitulada, *Aventuras de um Idiota Mongolóide*, e bateu com a cabeça no fundo, pensando: e isto tudo, só de puxar um gatilho!

A mensagem na parede manchada de sangue era um discurso erudito sobre o quadragésimo sétimo cromossoma dos idiotas mongolóides, e sua influência no teorema dos números primos do apocalipse iminente. Chegaria dizer que ele se tinha morto a tiro porque deixara queimar o café? Talvez chegasse. Parece que se lhe tinha acabado o pão e pusca-se a comer a manteiga de amendoim com as folhas do manuscrito. A fita da máquina desaparecera. As linhas de abertura andavam por ali espalhadas como migalhas e as formigas levavam-nas. Uma das linhas dizia: Na eternidade, o começo é a consumação.

Grande parte da ilha não se podia visitar, densamente povoada de árvores e silvas. Dava para nos afundarmos até ao joelho em polpa da floresta da era anterior. Os filhos vagueando acabaram um dia por se perder e nunca mais voltaram. Talvez houvesse ogres. Ou talvez não, porque tê-los-iam ouvido a resfolegar e a peidarem-se nas noites calmas. Às vezes percorriam de barco a orla da ilha para apanharem troncos descorados que andavam à deriva. Uma destas formas retorcidas levou-o a uma história sobre um monstro que estava a devorar a terra aos bocadinhos pequeninos como se fosse para simplificar as suas categorias, mas deitou-a fora, por ver nela autobiografia respeitável. Num dos cantos da ilha, entre altos canaviais, garças-reais faziam o ninho. Os pescoços compridos e gráceis pareciam dar-lhes uma ideia geral panorâmica que lhes poupava o embaraço das surtidas de abertura. Se eu tivesse a cabeça num pescoço daqueles, pensou, se calhar nem precisava de a arrancar a tiro.

A cabana pousava numa pequena clareira cheia de sol acima da baía, com vista para o lago e outras ilhas. De vez em quando passava um barco na distância, poc-poc-poc. Perguntou-se o que seria feito das pessoas que lhe contavam histórias. O mais provável era terem morrido quando as bombas caíram. Pois foi, um político qualquer, uma manhã, num ataque de tédio ou despeito, mandou tudo pelos ares. A terra nunca mais foi revisitada. Com o tempo, o sol extinguiu-se. O planeta ao arrefecer estremeceu e saltou da órbita e tornou-se meteoro, desintegrando-se na passagem feroz pelos éons. Nada se soube do homem, nunca. Era como se ele nunca tivesse existido. Gostava de se sentar numa cadeira

diante da cabana ao sol quente, a olhar para o lago azul, contemplando a devastação final e a pensar: muito bem, e agora? Imaginava o tal político, o último gigante da sua raça, premindo o botão e pensando: Este dia, não o esquecerão tão cedo!

Sentava-se menos na cadeira quando a mulher estava na ilha, porque parecia então atrair tarefas e crianças como moscas. Nessas alturas subia e ia sentar-se entre as aranhas na casinha, contemplando a sua própria estética, que parecia ter algo a ver com planícies desoladas, hipérbole e espantalhos. Queria escrever sobre os últimos anos de Job, depois de ter recuperado os bens, mas perder a memória. Pensou: o tema central devia estar no título e depois ser completamente abandonado. Tinha uma história de um soldado que ficara cinquenta anos numa cratera feita por um morteiro, e que, tendo esquecido inteiramente quem era o inimigo ou para que servia a espingarda, um dia rastejou para fora e foi atingido. Podia chamar-lhe: Começos. Pensou escrever sobre Colombo viajando até ao fim do mundo e, mais ou menos abruptamente, encontrando-o. Imaginou um Éden em que nada crescia, mas parecia sempre estar na iminência de crescer. Para que Adão não morresse à fome, Eva transformou-se numa maçã, que ele comeu de boa vontade, esquecendo que sem ela nunca encontraria o caminho para fora dali. Cagou e chamou ao cagalhão Incapaz, porque era prerrogativa sua. Limpou o rabo e, ao olhar de relance para o papel antes de o deitar pelo buraco, viu que dizia: Em tempos que já lá vão viveram felizes para sempre. Se calhar tenho cancro, pensou.

Embora em dias quentes a casinha pudesse ficar um pouco sufocante, o cheiro não era realmente desagradável.

Dizia-se que as pessoas que cresceram no tempo das casinhas muitas vezes ficavam com a nostalgia daquele cheiro para o resto da vida. Podia dizer-se o mesmo dos montes de cadáveres, mas o importante aí era a cal clorinada. E deixar a porta aberta.

Claro que era um convite aberto às abelhas e às vespas. Uma coisa leva à outra, pensou, e é assim que vamos indo. O estouro da arma, o estrondo no crânio, já estavam a desaparecer, recuando e encolhendo-se na história, em breve já nem os ouviria, nem os sentiria de todo. Uma vez, enxotando freneticamente uma espécie de vespa com um manuscrito enrolado, não reparou na vespa que descera pelo buraco, quando ele se levantara do assento. Sentou-se e depois é que deu por ela. Guinchou pelo caminho abaixo, atravessou a cabana e foi pela encosta até à baía e o que a mulher, sempre a sua melhor crítica disse, foi: Chiu, que acordas o bebé. Depois, passou a levar uma lata de insecticida nas idas à casinha, aprendendo, enquanto espichava, algo sobre o carácter essencialmente anal da estética apocalíptica.

Nessa altura, também foi grande matador de moscas. Andava sempre com um mata-moscas, dentro e fora de casa, e quando não sabia como começar uma história, matava moscas. Havia muitas primeiras linhas por ali espalhadas, incluindo uma nova sobre um padre apóstata de um culto em que a mosca era sagrada, e que começara a pôr em causa a sua fé durante a cerimónia ritual da Assembleia no Cu do Porco, mas havia ainda mais moscas mortas. Que pena não serem comestíveis, disse a mulher. Fez-lhe mais café, depois foi de barco à cidade ter outro bebé e buscar comida.

Ele sabia que o que estava a fazer era bom, porque

eram as moscas que mantinham a terra unida. Brandia o mata-moscas em estilo de badmington, apanhava-as nas esquinas capilares dos parapeitos e nos braços das cadeiras, punha armadilhas de bolhas de compota e ganhava aos pontos ao inimigo sagrado, o alfaiate, e isto sempre com um sorriso de zelo moralista: o asseio está muito perto da – ZÁS! – santidade! Sentia-se um Lutero, de dedo no gatilho, espalmando idades das trevas pelas paredes da cabana como miolos. É o começo de alguma coisa, pensou, manejando o mata-moscas qual bordão pastoril. Uma doença, talvez. O café fervia e entornava-se sobre o fogão quando a mulher voltou. Acho que errei a vocação, disse ele. É um rapaz, respondeu ela e abriu a blusa para lhe dar mama.

Percebeu que não havia nada de banal em parir, mesmo idiotas mongolóides, e na primeira meia dúzia ou coisa assim, sofreu quase tanto como ela, ou assim se dizia a si próprio, escrevendo odes a cordões umbilicais e à beleza das melancias maduras para não pensar na sensação desagradável de ter os testículos a esgarçar. Começou uma história sobre um homem que leva a mulher ao hospital para ter um filho. Estão ambos entusiasmados e felicíssimos. A mulher é levada pelo médico e o homem está todo divertido e há ali uma conversa cheia de empatia e de bonomia com o pessoal de enfermagem. O parto parece demorar mais do que devia, no entanto, e ele começa a ficar preocupado. Quando pergunta ao pessoal, respondem-lhe coisas estranhas e fogem à questão. Por fim, em pânico, vai procurar o médico, encontra-o numa festa, bêbedo que nem um cacho e besuntado de sangue até às orelhas. Percebe que, de facto, está numa espécie de discoteca, e

não num hospital. O médico é um cómico de *stand up* que faz um número com piadas porcas sobre donde vêm os meninos e que usa o cadáver da mulher como adereço. E o pior é que ele não resiste a rir-se. Ah, que faremos destes mortos todos? pensou. A ilha estava a tornar-se no raio de uma necrópole.

Até conseguira matar a cobra e a rã, embora a mulher lhes tivesse poupado a vida. Era como se não conseguissem escapar aos seus instintos naturais para com as cobras, o pânico dele, o afecto dela. A rã era só um desses espectadores inocentes, que apareceu para complicar o enredo, como ele próprio ou Jesus Cristo. A mulher tomava banho na baía, de pé na água pouco funda, num halo de espuma de sabão, beijando a superfície com a vulva, e ele descia o caminho com champô e toalha para ir ter com ela. Estava uma cobra atravessada no caminho e ele estacou, com o coração aos saltos. A boca da cobra esticava-se à volta da metade inferior de uma rã. Via o coração da rã a bater muito depressa e na verdade quase nem conseguia ver a rã, tal era o pânico latejante dela. Correu ao monte de lenha e agarrou num machado. A mulher, que lhe vira o coração latejar nos ouvidos e nos olhos, subiu para ver o que o assustara. A metade inferior dela gotejava, encharcada, e tinha espuma de sabão no púbis. Ele tremia, avançando pé ante pé para a cobra com o machado: pensou que a rã podia ser um isco, um aliado secreto, que a cobra queria-o era a ele. É uma crise de identidade qualquer, percebeu ele. Os olhos da rã piscaram nas fauces da serpente. A mulher deu um pontapezinho na cobra. Ela bolsou a rã, fez como se fosse atacar, e desapareceu de repente. Paralisado de espanto, ele

saltitou até às silvas e começou uma história sobre a velha serpente, abandonada no Éden depois das coisas interessantes se terem mudado para outras paragens, que avança para uma rã, verde como o Novo Testamento, a primeira que via há anos, engole-a e morre de indigestão. Ela deu-lhe um pontapezito no rabo com o dedo do pé, mas ele só se acobardou, com o coração a latejar nos ouvidos. Ela viu que ele estava com problemas e foi para baixo, atracar bem o barco porque vinha aí a tempestade.

É sempre assim, pensou ele. Está-se a começar e vem a tempestade. Sabia que se escrevesse uma história sobre a charneca coberta de urze, depois de Lear, o Louco, o Velho Tom e os outros estarem mortos e enterrados, só a charneca, a tempestade bramindo, frases caídas como pedras, metáforas crescendo como arbustos enfezados, seria a história mais importante da sua época, mas sabia também que a época acabaria antes de ele conseguir começar. Já não acreditava que haveria uma mensagem na parede da cabana: não tenhamos ilusões, pensou, sobre o sangue e os miolos. Lá fora, o vento uivava, o barco marrava contra o molhe, e os ramos dos pinheiros varriam o telhado da cabana sem cessar. Ficaram dentro da cabana e jogaram *strip poker*, começando já despídos para não terem ilusões. Ele sacou um par de damas e um rei, mas a mulher mandou-o pelo cano abaixo com um *flush* de copas. Cortem-lhe a cabeça!, gritou ela. Que tenho a perder?, disse ele. O vento entrou e fez voar as cartas. Na cama, os lençóis, enfunados, batiam como velas.

Acordou na manhã seguinte, emaranhado em primeiras linhas como lençóis amarrotados. As janelas

estavam desfeitas e havia pássaros caídos com o pescoço partido. A mulher estava lá em baixo na baía, passando as fraldas por água, as crianças agarradas a ela como o ferrão da consciência. Saiu para urinar e viu que o barco se afundara. Havia primeiras linhas por todo o lado como árvores tombadas, despedaçadas e retorcidas. Colombo, dando aos quadris, viajava para o fim do mundo, gritando: Isto está a resultar! Estou a avançar! Jesus ressuscitava da tumba idiotas mongolóides como filetes de peixe, fingindo ser o Sustento da Casa. Quase que estava à espera que, enquanto urinava, o barco viesse à superfície, mas deixou-se ficar no fundo num estupor cinzento e amuado, só com a borda à mostra como o contorno de um supositório ou a janela de uma catedral. Sentiu-se como se tivesse aberto buracos a mais no corpo dele e o vento entrara e enchera-o de abelhas mortas. É tempo de deixar a ilha, disse à mulher. Já fiz as malas, disse ela. Vamos começar de novo, gritou, mas ela não conseguiu ouvi-lo porque as crianças choravam. Ela tirava água do barco com o balde das fraldas. Começar de novo!

Mas na cabana o café fervia e entornava-se no fogão, e viu que não havia pão para a manteiga de amendoim. Parecia que estava tudo a recuar. Voltaram para o barco e ao zarparem a ilha afundou-se de repente no lago e desapareceu. Olhem!, gritou. Fizeste de propósito, disse a mulher. Tens sempre de tentar acabar tudo! Ele teria as suas razões, mas não justificavam uma tal devastação. Quem era ele para ser o último gigante da sua raça? Quem era ele para baptizar cagalhões? Quanto a começar de novo, estamos conversados. Bem podia não ter começado por puxar o gatilho. Mas estava feito e era o fim. Ou assim dizia na parede da cabana.

Óscar de Sá

Deleituras

Óscar de Sá nasceu em 1969 em Leça da Palmeira, cresceu em Viana do Castelo, e reside há quinze anos no Porto. Engenheiro civil de formação, o conto enviado como colaboração à *Ficções* é a sua primeira publicação.

Quem desce a Rua da Fábrica, na baixa do Porto, talvez se surpreenda com uma pequena prostituta espedada em frente à montra de uma das muitas livrarias que por lá se encontram. A maior parte do tempo está por perto da Asa ou da Avis, estrategicamente situadas na esquina com a Rua de Ceuta. Muito magra, feia e decadente, às vezes até parece estar a contar os livros, espetando um dedo esquelético nos enormes vidros. E, de facto, quem passar muito perto dela pode ouvi-la murmurar: "*Cem anos de Solidão, O Fio da Navalha, Orlando...*". Despreza tudo o que lhe soa a tema técnico ou científico; detém-se apenas com os que sente romances, histórias, memórias, condensações de vidas e dramas. Por vezes encontra um qualquer livro que a excita e exalta: "Ah!, era este que eu queria, era este! Foda-se, era mesmo este!" E fica então longos momentos embevecida no olhar do livro, medindo-o, pesando-o, adivinhando-lhe a maciez, o cheiro, a história que encerra.

Depois lá regressa ao trabalho, ao abrandar dos carros e ao negociar dos velhos, forçando o balançar das ancas pela rua mal iluminada.

De vez em quando sobressalta-se com um passante de olhos incomodados. Ou com um outro triste e ausente. Aproxima-se então sorridente, alisando a mini-saia, caracoleando nos tacões altos.

– Queres vir? – Os olhos baixos, a voz sumida, soava mais como uma súplica do que como um convite.

– Querer, queria, mas não tenho dinheiro.

Era tarde e a noite estava terrivelmente fria. Insistiu: “Nenhum mesmo?”

– Nada, nem para comer.

Alto, magro, triste. Corcovado. Não deveria dar grande trabalho.

– E não tens nada com que me possas pagar?

– Não, nada. Bem, tenho livros. Muitos livros!

– Livros?! Para que raio quero eu livros?

– Não sei – Uns segundos de silêncio: – Sempre é melhor que nada...

O mês no fim, cansada e a enregelar na rua. Não deixava de ter razão. Talvez os possa vender depois, pensou.

– E tens livros contigo?

– Sempre! – sorriu. E tirou de uma velha pasta três livros. Ela recolheu-os, sopesou-os, mirou-os como que entendida: *Os Maias*, grossíssimo, com uma faustosa encadernação dourada; *Dr. Jivago*, igualmente imponente, embora envelhecido e encardido; a *Mensagem*, pequenino, capaz de caber num bolso.

– Pelos dois grandes, podes subir meia hora. – Subiram.

Meia hora depois, entreabrindo-lhe os lábios suavemente com um dedo, ele propôs: “O que me dizes a ficares também com o outro livro?” Ela achou graça: “Porque não?”, sorrindo provocadora, olhando-o nos olhos, enquanto deslizava pelo seu corpo cada vez mais tenso.

Na quinta-feira seguinte ele voltou a aparecer. Rondou-a, primeiro à distância, aparentemente absorto nas montras das livrarias, depois cada vez mais perto. Sorriu-lhe. Ela lembrou-se logo dele.

– E hoje, já tens dinheiro?

– Não – respondeu queixoso. Uns segundos de silêncio, um relampejo no olhar: – Mas tenho mais livros!

– E tu a dar-lhe! Porque não os vais vender e voltas amanhã?

Um descair de ombros, um murmúrio cabisbaixo: “Não tenho coragem...”

– Essa é boa... Não tens coragem de vender livros e andas aqui à noite, às putas...

– Podes vendê-los tu depois...

Olhou para o relógio: onze e meia. “Que livros tens?” Ele sorriu: “Hoje trouxe dois livros extraordinários, fantásticos, do melhor que já se escreveu: *Crime e Castigo*, do Dostoievsky, uma obra prima, e os *Os Miseráveis*, do Victor Hugo, um marco na literatura!

– Do Victor Hugo?! – respondeu desdenhosa, enquanto os recolhia. Mas eram macios, grossos, imponentes.

– Meia hora, e é um pau!

– Uma hora, são obras primas!

– Primas já eu tenho muitas... Três quartos de hora. – Subiram.

Um dia ele desapareceu. Repentinamente, como chegara. Ela esperou-o ainda muitas quintas-feiras, rondando as livrarias, descurando o engate, recusando propostas. Depois resignou-se. Enfim, mais um que desaparecera, nada de novo. Mas lamentou-o. Nunca tinha dinheiro, não era um grande amante – pelo contrário – mas tão pouco lhe dava grande trabalho. Era um tipo fácil de contentar: não estranhava aquele seu quarto minúsculo, fétido e cercado de chiores e gemidos despudorados. Com ele não se envergonhava de toda aquela degradação e miséria. A tantos tinha de responder: “Por este preço esperavas o quê? O Infante Sagres?” Alguns absolutamente sórdidos, sádicos, com desejos escabrosos e repugnantes, mas que se enojavam com a mais pequena mancha nos lençóis. Ele não; ele parecia familiarizado com a miséria, deitava-se com gosto na cama, avançava descalço pelo quarto indiferente à imundície do soalho, não enjeitava sequer o velho penico metálico.

Afeiçoara-se-lhe. Fora o primeiro – e, temia, seria o último – a falar-lhe de livros, a ler-lhe na cama extractos dos que lhe entregava, a dissertar acerca dos seus autores: “Já viste? Um tipo que escrevia desta maneira, rico, famoso, cheio de amigos e... suicidou-se, estourou a cabeça! Dizia ele que os livros lhe saíam fáceis, escorregados, quase impensadamente. Sem projectar, estruturar, nada! Como se tecesse algo de que desconhecia a forma, desconhecendo até o tamanho do novelo, e, no entanto, sabia que a peça estaria pronta quando o fio acabasse!” Os braços cruzados sob a nuca, o olhar vagueando por ela, por ele, pelo quarto: “Um filho da puta com um talento desses suicida-se! E eu,

no entanto, insisto em viver esta vida de merda, esta mediocridade...”

O jogo também acabara por lhe agradar. “O que achas que vale esta edição dos *Lusíadas*? Uma das maiores criações da literatura mundial! Do Grande Camões, conheces? E numa encadernação de luxo!”

– Claro que conheço! O Camões e a rua dele! Não sei... – respondia coquete – talvez... o que quiseres... mas só uma vez...

Obrigava-a a ouvir, a pensar, a falar, algo raro nos seus clientes, mais dados a fazê-la gemer, chorar, gritar. Deitado na cama, o livro suspenso sobre as suas cabeças: “Este aqui fala de um tipo que acaba por ir para a cama com a própria mãe. Sem saber, claro.” Pensativo: “Aliás, agora que penso no assunto, não faltam histórias dessas na literatura...”

– Não vás mais longe! Eu conheço um caso parecido, ali mesmo no Bolhão! Bem, neste caso ele sabe perfeitamente que anda a comer a irmã – corrigiu. Lembrava-o na janela, escanzelado, desgrenhado, as cuecas expondo uma das nádegas. Sorrindo: “Às vezes ponho-me a ouvir a conversa das tuas colegas. É muito curioso, sabes; arvoram-se em putas finas: ‘Aquele queria-me foder por cinco contos?! Eu? Foda-se!’ – mimava-as. – E os homens também, insinuando-se, endireitando-se, penteando-se antes de falar com elas. Procurando agradar, como se dum engate se tratasse! Ainda ontem ouvi um a dizer para outro: ‘Este putedo novo já não respeita ninguém! Antigamente sim, sabiam tratar de um homem!’ É curioso, mesmo neste nível os humanos concorrem, mentem, vangloriam-se, reclamam... É curioso... – A pele arrepiada, a penugem

erçada pelo frio que perpassa a velha janela. O sorriso reflectido nos vidros: – É sobre estes que eu sonho escrever, sabes? – Olhando-a nos olhos: – Sim, escrever. E são estes que eu quero ver perpetuados! – Abrindo os braços: – Sim, estes, os que aceitam todas as dimensões da sua humanidade, os que se submetem à inteireza da sua humanidade!”

Fazia-a ver que também ela, afinal, conhecia gentes, casos, histórias. Começou então a encarar os livros de uma outra forma, a vê-los como uma colecção de vidas, de memórias, de pequenos mundos de bolso; a gostar de os possuir, de os guardar. Deixou de os discutir como pagamento: só marralhava o tamanho, o estado, a encadernação. Tirou-os debaixo da cama e pô-los numa estante, expulsando estatuetas e bugingangas. Contava-os, alinhava-os, tornava a contá-los. Nunca mais pensou em vendê-los. Tornara-se coleccionadora de livros. Gostava até de se dizer: “Deves ser a primeira puta coleccionadora de livros!”

Ele insistia para que ela os lesse. A ela ainda lhe parecia um tanto ou quanto estúpido alguém perder o tempo de fazer qualquer coisa para ler qualquer coisa que outros fizeram. Ou pior, imaginaram! Mas, num dia chuvoso, em que se sentia particularmente triste e entediada, enquanto, como tantas outras vezes, dedilhava os livros, decidiu-se e retirou um deles. *Os Miseráveis*, de entre os quarenta e dois livros que já acumulara. Pareceu-lhe apropriado. Procurou lembrar-se como o obtivera, mas não o conseguiu precisar. Talvez aquela vez em que ele quis ficar completamente imóvel, sem fazer “nada mais do que sentir”. Ou seria aquela outra vez, em pé, no corredor?

Sentou-se junto à janela, num velho cadeirão vermelho, e preparou-se para ler. Olhou-se, olhou o quarto e achou que a ocasião merecia uma outra dignidade. Fez a cama, arrumou o quarto, voltou a sentar-se.

Leu. Lentamente, quase soletrando as palavras, tropeçando nas mais difíceis, perdendo-lhes o sentido, voltando atrás. Já há muitos anos que não lia. Foi insistindo, entrando no ritmo, no sentido do texto, começando a reconstruir em si o que o autor reduzira a palavras. E, surpreendentemente, apaixonou-se! Deslumbrou-se com tudo, com a história, com os personagens, com as imagens que se construía nos seus olhos e com as lágrimas que as vidravam. Depois começou a ler avidamente, aproveitando todos e quaisquer momentos. Acordava a ler, comia a ler, adormecia a ler. Descurou o engate e o chulo deu-lhe um par de estalos. “Pareces parva! Agora és uma puta intelectual!? A ler *A Insustentável Leveza do Ser*? Leveza? Estás é com falta de peso! Toma!” Escondeu então os livros numa velha arrecadação, que todos os dias visitava antes de sair. Olhava um livro, fixava-o, e ia para a rua procurando lembrar-se da história, de um episódio, de um personagem: “Era o Aureliano I ou o II que tinha a coisa grande?”, murmurava deambulando pela Rua das Galerias de França.

Por outro lado, a sua performance na cama melhorara notavelmente. Sentia-se Lolita, despindo-se sensualmente para um velho; via-se Madame Bovary ensinando um jovem; imaginava-se Luísa, esperando na cama a chegada do amante. De gatas, aos repelões, olhava-se de soslaio no espelho e pensava: se não te

faltassem os dois dentes da frente aposto que parecerias a June. Deixou de se sentir ridícula ao dizer-lhes, a pedido, “amo-te” ou “é enorme”. Os clientes habituais gabavam-lhe a nova postura, o brio, o voluntarismo.

Sentia-se também fascinada pelas palavras. Nunca se apercebera de existirem tantas! Começou por assentar as que não conhecia, mas rapidamente esmoreceu, perante a imensidão da obra: “O que raio quererá dizer *émulo*? E *retouçavam*?” De qualquer forma apropriara-se de algumas, que desconhecia mas adivinhava o sentido: “Néscio de merda, não queres não queiras! Oblato!” Divertia-se a integrar no seu dia-a-dia, melhor, noite-a-noite, frases sonantes que lhe ficavam dos livros: “Isto é que deve ser uma ladeira íngreme”, suspirava ao subir a Rua da Fábrica, encavalitada nos saltos altos, equilibrando-se empurrando o rabo para trás. “Acha caro um *fellatio* por dois contos, o indigente!...” Devia ter negociado um dicionário, ironizava. “Devem ser caros, talvez os três pratos, ou uma noite inteira...”

A sua paixão pelos livros agudizava-se e começou a fazer no início da tarde metódicos circuitos pelas livrarias das redondezas. Subia a Rua dos Carmelitas, voltava à esquerda nos Leões e abrandava o passo ao passar em frente à Lello e Irmão. “Magnífica! Sumptuosa! Talvez até magnificente!”, murmurava. Não parava. Tal como passava cabisbaixa frente às igrejas, tão pouco se sentia digna sequer de figurar em frente à montra daquela livraria. Descia um pouco, atravessava para a Fernando Machado. Um, dois minutos. Em passo miúdo, temendo pelos saltos, descia então a Rua dos Clérigos, parando na Moreira, aí sim, uns bons cinco minutos. Atravessava a Praça, subia a 31 de Janeiro, a Mercado do Livro, a

Bertrand, a Europa América. Descansava um pouco na Latina, já na Santa Catarina. Voltava à esquerda na Passos Manuel, atravessava a Praça dos Cavalos, novamente a Avenida dos Aliados e regressava à Rua da Fábrica. Um olhar rápido pela Educadora Nacional, um demorado na Sousa & Almeida. Mais a Asa, a Avis, a Libernet. “Doze livrarias! Foda-se!... Milhares de livros”, suspirava ao regressar à esquina. “Eram preciso dez vidas! Espera! Se ler um livro; dois, vá lá, por semana, leio cerca de cem por ano. Se viver até aos setenta e seis posso ler cinquenta vezes cem livros. Quinhentos? Não, espera... – Pensou, esforçou-se, espedada em frente ao Ceuta. – Cinco mil, foda-se! Já não era mau!...”

Mas, “o David” – como o pensava desde o seu sétimo livro – dizia que havia quem tivesse mais de vinte mil! Então há outras pessoas que os tem só pelo prazer de ter, de os ver, de os tocar, concluiu! Que sabem que nunca os poderão ler todos! A conclusão agradou-lhe: não estava só naquele seu estranho vício.

Ah, o David! Revia-o agora, na cama, o olhar perdido no tecto, a fumar-lhe um cigarro: “Vais ver! Um dia ofereço-te uma história, um livro que estou a escrever. Fala de mim, de ti, de nós. Um dia ainda te vais orgulhar de ter estado comigo na cama!” Ela sorria complacente, olhava o relógio de soslaio e despachava-o.

Talvez lhe tivessem acabado os livros, pensava, talvez pagasse outras coisas com eles! Ou, quem sabe, estará a escrever o livro de que tanto falava! Não, já foi há tanto tempo, há mais de um ano! Já o teria acabado...

Então nunca lho iria dar, como prometera. Nem esse nem muitos outros, que agora olhava embevecida.

E que nem sequer podia comprar; o chulo controlava-a cada vez mais. Apenas podia olhá-los abandonados em vitrines frias e mal iluminadas e murmurar-lhes os nomes... Tantos, inúmeros, incontáveis! Tantos romances, vidas, dramas, amores...

E começou então a sonhar que alguém pudesse também escrever a sua vida, que lhe desse o tom e a distância de uma história, que recriasse o seu mundo com carinho ou desdém, de uma qualquer forma que lhe retirasse aquele aspecto horrivelmente banal; alguém que a libertasse daquele pasmo com o eco dos seus tacões subindo e descendo a rua, com a sua sombra diminuindo e crescendo sob os seus pés. Não precisava de ser um livro, um romance, bastava até uma breve historieta! Podia até dizê-la “pequena, muito magra, feia e decadente”; descrever o seu quarto como “minúsculo, fétido e cercado de chiores e gemidos despudorados”, mas sentia que a palavra, o papel, depurariam aquela sua feiúra, a sua pequenez e, no voltar da página, no fechar do livro, a sua dor e a sua decadência surgiriam com uma certa nobreza, redimidas, com um travo de vida que nunca, na realidade, sentiu.

Passou então a vogar pelas montras, a exaltar-se com os livros, a procurar homens que lhe pareciam cultos. Escolhe-os tristes, soturnos, cismados. De olhar incomodado ou ausente. “Faço-te um preço muito especial. Quase nada, e vens para o meu quarto! E eu faço tudo!”, insinua-se fixando-os nos olhos. E depois, na cama, no fim de tudo, timidamente, deixa cair num fio de voz: “Por acaso tu não escreves?” Desinteressadamente: “Livros, quero eu dizer.”

Artur Manuel Pires

Na Europa tropical

Artur Manuel Pires, nasceu em África em Maio de 1955. Engenheiro de profissão, licenciado pelo Instituto Superior Técnico, manteve por mais de 6 anos uma coluna na Revista *Ingenium*, da Ordem dos Engenheiros, constituída essencialmente por contos e artigos sobre o Brasil.

O conto que aqui se publica foi enviado como colaboração.

...das bestas que pastavam nos capinzais da ignorância.

Pedro Nava

1

António vendeu a irmã ao vizinho do lado.

Tinha oito anos (quase nove), e em troca recebeu um aviãozinho de ferro com a bandeira sueca na cauda.

João, o seu vizinho, tinha apenas menos uns dias, e apareceu-lhe no dia seguinte a chorar.

Não conseguia imaginar para que é que lhe podia servir a irmã de António, e morria de saudades do seu aviãozinho.

António deu-lhe dois ou três safanões valentes, um pão cheio com marmelada e mandou-o embora sob a ameaça explícita de o incorporar à força na próxima campanha de Inverno do exército do Nababo de Bengala.

“Lembras-te?”

“Lembro-me.”

Disse João, e depois concluiu:

“Era um Junker 52, e o meu pai trouxe-mo de um curso que foi fazer à Holanda.”

Mais de trinta anos depois, os dois bebiam cerveja na esplanada da Mexicana, na confluência da Praça de Londres com a Guerra Junqueiro.

Quando se separaram uns anos depois daquele episódio, viram-se não mais do que meia dúzia de vezes.

E só uma coisa une mais os homens do que não se verem.

Enterrar um tesouro.

2

O tesouro era constituído por uma caixa de madeira de charutos Romeu e Julieta, das grandes, e cheia com uma edição de “A Ilha Negra” do Tintim, uma dentadura mecânica, que batia os dentes de uma forma ridícula, uma pena de um papagaio verde, uma estampa do chefe Índio Sitting Bull, cinco marcos alemães do Sudoeste Africano, um colar de pedrinhas irregulares de lápis-lazúli (cujo desaparecimento tinha colocado Alexandra, a irmã de João, à beira de entrar num convento), uma medalha de quarto lugar nos cem metros mariposa, um tubo metálico de um charuto Romeu e Julieta nº 2 com um lápis às riscas amarelas e pretas muito bem afiado lá dentro, e o aviãozinho de ferro com a bandeira sueca na cauda.

“E mais ?” Perguntou António.

“Mais?” Disse João.

E deixou voluptuosamente a memória a remover cada pazada de terra e tempo que os separava daquele dia em que tinham enterrado um tesouro na base de um tamarindeiro, no jardim da casa de António.

“Sim, e mais?”

Disse António.

“Mais ?” Repetiu João.

João permitiu que a memória lhe trouxesse os vinte e sete passos contados em linha recta entre o lago das tartarugas e a base da árvore, e dali outra vez em linha recta até ao primeiro degrau da escada de madeira e ferro que dava acesso à varanda das traseiras da casa.

“E mais? ”

António talvez começasse a ficar irritado, mas João não ligou qualquer importância a isso, tamanho era o prazer.

“Mais ?”

Depois foi tudo desenhado num mapa, do qual foi feita uma cópia que ficou naturalmente para o João.

Não muito tempo depois, viram num filme a tripulação de um Lancaster em chamas pronto a despenhar-se sobre o Ruhr a comer uma por uma todas as folhas de papel que instruía a sua missão, minutos antes de abandonarem o avião e saltarem de pára-quadras. Não resistiram e decidiram fazer o mesmo, e no dia seguinte, acompanhado de um pão com mortadela e duas canecas enormes de leite com chocolate, cada um comeu o seu mapa.

Talvez por ser a cópia, João passou aquele resto de ano mal, com noites inteiras com a testa perlada de suor.

Levou de sobressalto a mão à testa, e trouxe-a molhada.

“A fotografia!”

3

A Europa tropical é um território que se estende desde a ultra africana palmeira do nº 18 da S. Domingos à Lapa, até à última palmeira do jardim do Centro Cultural de Belém.

Escorre pela Junqueira fora, paralela à linha do eléctrico e ao rio, tendo a sua maior expressão no jardim que fica à esquerda de quem entra pela porta da sacristia do Mosteiro dos Jerónimos.

Depois ainda existe um afloramento tardio no jardim de um metro quadrado situado à direita da fachada principal do Palácio de Sintra. Para finalmente se estabilizar no jardim de duas casas gémeas do Bairro de Belém.

Construídas, a par de outras, nos terrenos oferecidos pelo Senhor D. Luís aos oficiais da sua Armada que mais se tinham distinguido nas campanhas de África, tinham chegado até aos pais de António e João através da brilhante folha de serviços exibida por ambos.

Tinham vivido ali uma infância feliz, por entre irmãos e irmãs, vizinhos, irmãos dos vizinhos e vizinhos dos irmãos.

Depois, a uma determinada altura, os casamentos dos irmãos começaram a tornar as casas demasiado grandes para os restantes.

E depois foi a vez deles próprios. Casaram-se e começaram a cumprir missões no estrangeiro, onde em devido tempo foram informados da venda das casas.

A casa de António foi vendida para alguém sem nada de especial, e pouco tempo depois para alguém que ainda era menos digno de nota.

Mas que decidiu fazer uma piscina.

Isto implicava deitar abaixo o tamarindeiro, para escavar debaixo dele. E isto implicava desenterrar o tesouro. E isto implicava colocar o seu conteúdo à luz do dia.

E isto significava a ignomínia.

João continuou a retirar suor da testa.

Quando sentiu forças para o fazer, disse:
“Temos que ir buscar a fotografia.”

4

António agradeceu em silêncio e no escuro que a sua vizinha continuasse sem pinta de imaginação.

E no entanto só Deus sabia como eram esperados problemas de sobejo com a imaginação das vizinhas naquela noite.

De um lado havia uma senhora que ia achar natural ir ao jardim e dar de caras com a Filarmónica de Berlim a tocar, e do outro estava uma senhora que ao mínimo movimento suspeito que fizessem ia avisar a polícia de que estavam a desenterrar os Romanoff.

Ah, mas a sua querida vizinha acreditou que eles vinham àquela hora da noite plantar espargos, com a mesma veemência com que durante verões a fio tinha acreditado que os pássaros lhe desenterravam os melões, abriam-nos em fatias simétricas, comiam-nas e deixavam as cascas espalhadas pela relva.

Tinha saído para passear o seu cão, visto luz no jardim, e vindo ver do que é que se tratava. E afinal era apenas aquilo, espargos!

António deixou João a olhar para qualquer coisa, e veio falar com a senhora.

“...espargos?”

Disse a senhora, e depois concluiu:

“Há qualquer coisa com espargos, sinceramente eu sei que há, mas não me consigo lembrar do quê.”

António e a senhora iniciaram uma conversa animada a poucas horas da madrugada. Ela com um cocker spaniel pela trela, e ele com uma pá ao ombro.

António falou de filhos, irmãos e irmãs, pais e avós, cunhados e sobrinhos, tias e genros, e depois de filhos de filhos, e por aí fora. E depois calou-se.

“E a senhora ?”

Arrependeu-se de imediato. Sobretudo porque não tinha ido a tempo de evitar a pergunta a seguir.

“E a sua família?”

Completamente perdido, não teve como não perguntar:

“Onde é que estão?”

Sem contemplanções, a senhora entrou no seu jogo.

Pegou no cocker e apresentou-o a António como Eduardo VII, e depois:

“É tudo o que me resta.”

António sentiu na humidade que se começava a formar toda a terrível solidão que pode ser fornecida por um cocker spaniel chamado Eduardo VII.

Entreteve-se a pensar se o Eduardo VII se chamava assim por ser o sétimo de outros tantos Eduardos semelhantes, ou se por causa do filho da Rainha Vitória.

E acabou por ser a senhora a arrancá-lo daquele estado.

“Ah, os espargos, lembrei-me agora. Eles não se dão nesta época.”

A senhora fez uma festa no cão, um sorriso a António, e desapareceu, não sem antes confirmar:

“É que não se dão mesmo.”

António regressou para ao pé de João. Este perguntou:

“O que é que ela te contou?”

António lembrou-se da simplicidade de Eduardo VII, e disse:

“Coisas muito complicadas.”

Depois lembrou-se de uma boa notícia para os dois e disse:

“Lembras-te da nossa outra vizinha?”

João distraído fez-lhe que sim com a cabeça, e António concluiu:

“Já não é ela que mora aí ao lado.”

“Eu sei.”

E continuou a olhar para a janela da vizinha do lado, para a ver despir-se.

António pegou-lhe no braço, e disse:

“Não compliques as coisas.”

5

“As galinhas põem”, disse António “e as mulheres dão.”

“Dão o quê?”

“Ora.”

Como João insistisse no seu desconhecimento, e não manifestasse qualquer intenção de se livrar dele, António não teve outra alternativa se não repetir, mas agora acrescido de um silêncio entre súplice e cúmplice:

“Ora...”

Quando constataram, João também, portanto, que a sua forma de estar por dentro das coisas, de serem conhecedores de verdades apenas acessíveis a iniciados, não era suficientemente consistente, António mostrou-se pronto a render-se com a contrapartida da salvação. Que o deixassem sair daquela situação.

Tinha lido aquilo algures, num livro brejeiro de um autor que ele tinha ficado sem perceber se tinha sido dono de um aviário ou de um bordel.

Mas João decidiu uma vez mais afrouxar o cerco, e António optou por não esperar por outra oportunidade melhor.

“Ora, dão.”

E foram os dois beber uma cerveja.

Tinham concluído a sua iniciação.

6

Uma senhora quando diz não, quer dizer talvez, quando diz talvez quer dizer sim, e quando diz sim já não é uma senhora.

Um diplomata quando diz sim, quer dizer talvez, quando diz talvez quer dizer não, e quando diz não já não é um diplomata.

Ficaram maravilhados quando ouviram isto, nos corredores de uma conferência a que foram assistir na Sociedade de Geografia de Lisboa, sobre a Nigricia Setentrional.

E adoptaram-no como modelo de comportamento, capaz de lhes proporcionar instantes de rara felicidade.

Não obstante João ter ficado para sempre com um dos molares relativamente mais recuado que os restantes dentes, fruto de uma garrafa de cerveja atirada por um infeliz que não encontrou outra maneira de o fazer largar-lhe o pescoço, e por causa de um motivo que só o charadista mais perspicaz estaria apto a identificar com a namorada de João.

E agora, no final daqueles anos todos, ia emergir da terra aquela fotografia, para perturbar o código adoptado.

Por isso deixou-se ir, quando António lhe pegou pelo braço.

Ah, a propósito, também se fizeram diplomatas de carreira.

7

Alternaram-se na pá e na lanterna, e rapidamente descobriram que nenhum dos dois tinha jeito para qualquer uma daquelas coisas.

As mãos começaram a sangrar quase ao mesmo tempo em que começaram a duvidar da clareza das suas recordações.

O tempo tinha pulverizado marcas do tipo degraus de uma escada.

Só a árvore persistia. Aquela árvore tão estranha que não havia outra igual a norte do equador.

Mas era só, e portanto pouco.

A árvore podia inclusivamente ter mudado de lugar. “Achas?”

Respondeu António.

João foi subindo pelo foco de luz pelo tronco acima, e inclinando a cabeça para trás ao mesmo tempo.

Um clic no pescoço acompanhado de uma picada curta mas atrozmente incisiva na nuca, fez-lhe reparar que tinha chegado ao topo.

Para baixo deixou a lei da gravidade actuar livremente.

Respondeu não, arrancou mal humorado a pá das mãos de António, e deu meia dúzia de cavadelas empenhadas.

Depois parou para poder usufruir da lanterna e do sorriso de António. Este fez rodar o foco luminoso, afastando com isto pedaços inteiros de escuridão, substituídos por pedaços de jardim mal tratado.

Um mostruário desconexo de vegetação vagueava ao sabor da luz, entre nabos gigantes, morangos minúsculos e cogumelos clandestinos.

Os dois recordaram-se de como é que antigamente a mãe de António, uma tia solteira, e um jardineiro dedicado conseguiam tecer a urdidura da ordem clorofílica.

O jardineiro era gago e trabalhava no Jardim Zoológico. Como lhe coubesse em responsabilidade tratar da zona verde do tanque dos hipopótamos, tinha estabelecido com os animais relações muito particulares, que com certeza iriam até ao afecto puro.

Falava, ou melhor tentava falar, muitas vezes nos bichos, e aquela cabazada de pês, tês, e ós, começada por um agá, uma letra que ele nunca descobriu para que é que servia, conferia-lhe um aspecto curioso.

Agitava os ombros de maneira frenética, para cima e para baixo, como que a tentar fazer soltar as letras que jaziam amorfas no seu âmago, e ficava-se por um hip... hip... hip, desalentado, que fazia qualquer pessoa que não o conhecesse bem pensar que estaria menos sóbrio.

De repente riram os dois. João tentou produzir uma imitação, mas as gargalhadas fizeram com que apenas fosse capaz de agitar os ombros, e mal.

António também riu, mas uma qualquer premonição fê-lo atirar-se com redobrada energia à terra que teimava em não sair de cima.

Foi recompensado. A meio de uma cavadela, a terra reproduziu o barulho de metal a roçar em madeira.

Mais duas cavadelas, agora cautelosas, e o tampo de madeira da caixa de Romeu e Julieta estava à mostra.

Pouco mais do que outras tantas, e a caixa estava inteiramente a descoberto.

Com jeito tiraram-na para fora, enquanto a pá, a lanterna e as cabeças foram chocando umas coisas com as outras.

Sentaram-se nos calcanhares, e com as quatro mãos retiraram toda a terra que se tinha agarrado à madeira.

Com calma, carinho, e mesmo alguma sensualidade, e como quem molda em barro um paralelepípedo, as mãos foram desbastando, desbastando, desbastando, os derradeiros vestígios de terra.

As mãos, retalhadas e calejadas pelas cavadelas, deixaram-se estar gostosamente naquela faina, até a madeira começar a produzir o som da fricção.

Sabiam que faziam aquilo para fugirem ao pesadelo da remoção da tampa.

Mais umas passagens de mãos e a caixa ia pegar fogo.

Pararam. Mentalmente cada um avaliou a situação; sobretudo se estariam aptos a enfrentar aquilo que se ia passar.

Tinha que ser. Pelo menos tinham conseguido chegar a tempo. Antes que algum inocente se antecipasse e desse com a sordidez pura.

Porque a fotografia estava logo ao de cima. Seria a primeira coisa a aparecer.

9

Não havia mais nada a rezear, e com um gesto decidido António fez saltar a tampa da caixa.

João tirou para fora a fotografia.

Antes de tudo, os dois pensaram em como é que podiam ter descido tão baixo.

E depois deixaram que fosse a luz da lanterna a fazer o resto.

Subtraída à nobreza da escuridão, emergente do lado torpe da besta humana, uma mulher em cuecas e soutien, anunciava as delícias do conforto de uma determinada marca de roupa interior para senhora.

Último dia do ano de 2003

Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

© Direitos dos contos incluídos neste número:

“O Blusão de Couro” (in “Opere de Cesare Pavese – Racconti”) © 1960 Einaudi, Turim; “O Homem da Tenda” (in “Cien Años de Cuentos Nordicos” © Hannes Pétursson; “Existe um homem que tem o costume de me dar com um guarda-chuva na cabeça” (in “Imperios y servidumbres”) © Fernando Sorrentino; “Começos” (in “In Bed One Night and Other Brief Encounters”) © 1983 by Robert Coover; “Deleituras” © Óscar de Sá; “Na Europa Tropical” © Artur Manuel Pires.

Foram feitos os esforços para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. *Ficções* agradece as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.

FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzzati | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez |

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES nº 6 (2º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhrzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezsó Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES nº 7 (1º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Georges
Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano
Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg
Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

FICÇÕES nº 8 (2º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Villiers de L'Isle-Adam | Elisabeth Bishop | Ray Bradbury
Doris Lessing | Augusto Abelaira | José Rodrigues Miguéis

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: contos-leitores@ficcoes.net

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão online no site www.ficcoes.net

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contactos.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

Tinta Permanente
Av. Infante D. Henrique, 71
9500-150 Ponta Delgada

Poderá também fazer o seu pedido por e-mail, para:
assinaturas@ficcoes.net

Neste caso, deve fazer o seu pagamento através de depósito na conta nº 016001000036065000306, (indicando na transferência o nome e a menção “assinatura”).

Assinatura anual (3 números): 24 Euros
Assinatura 2 anos (6 números): 40 Euros
Números atrasados (cada): 6 Euros

A *Ficções* abre com uma "bluette" de Prosper Mérimée, o grande impulsionador do género contístico na segunda metade do século XIX e conhecido autor da novela *Carmen*. *O Quarto Azul*, em tradução de Ana Cardoso Pires, é uma narrativa leve e despreziosa, que investe graciosamente no anedótico. O mesmo não se pode dizer do conto filosófico de Leopold von Sacher-Masoch, *O Caminheiro*, em tradução de Teresa Seruya. É uma investida séria e grandiloquente no campo do folclore místico e do kitsch e dá-nos um Sacher-Masoch muito próximo de anarquista... De Júlio Dantas, o massacrado autor de *A Ceia dos Cardeais* e de *A Severa*, incluímos o conto-crónica histórica *Os Serenins de Queluz*, de ambiente alucinado e grotesco. De Castro Soromenho, um dos pouquíssimos autores portugueses de impressão africana, romancista, contista e jornalista, publicamos *A morte da "chota"*, da colecção de contos *Rajada e Outras Histórias*. De Cesare Pavese, José Lima traduziu *O Blusão de Couro*, e de Hannes Pétursson, o poeta e contista islandês, Luísa Costa Gomes traduziu do castelhano, com revisão de Gudbergur Bergsson, o quase kafkiano *O Homem da Tenda*. Fernando Venâncio traduziu *Existe um homem que tem o costume de me dar com um guarda-chuva na cabeça* do escritor argentino Fernando Sorrentino, uma outra versão de um universo também ele paredes-meias com Kafka. Inclui-se ainda *Começos*, um extraordinário conto do escritor americano Robert Coover, com tradução de Luísa Costa Gomes. A *Ficções* tem ainda o prazer de apresentar dois inéditos portugueses, o delicioso *Deleituras* de Óscar de Sá, a história de um estranho comércio culto, e *Na Europa Tropical* de Artur Pires, uma inesperada visão de Lisboa.

ISBN 972-8625-15-4



9 789728 625153